

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

FERNANDA GOMES DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO COMPORTAMENTO VERBAL DE
ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS**

CAMPO GRANDE

2023

FERNANDA GOMES DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO COMPORTAMENTO VERBAL DE
ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Lucas Ferraz Córdova.

CAMPO GRANDE

2023

FERNANDA GOMES DE SOUZA

**UMA ANÁLISE DO DISCURSO DO COMPORTAMENTO VERBAL DE
ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Lucas Ferraz Córdova.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Ferraz Córdova – Orientador
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Alberto Mesaque Martins
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Ana Karla Silva Soares
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda- Suplente
Universidade Católica Dom Bosco

Aprovado em: /__/

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha família por total incentivo e apoio durante todo o processo da graduação até o presente momento, meus pais, Neusa e Márcio, minha avó Romilda, aos meus irmãos Higor, Flávio Henrique.

Agradeço as amigas e amigos que incentivaram o início de tudo, deram apoio e suporte nos momentos difíceis, com escuta e sendo essenciais para que eu ter momentos saudáveis. Agradeço meu namorado, Alex, por todo cuidado diário e toda a força.

Agradeço também ao Aulne que me possibilitou estar presente no mestrado, flexibilizando carga horária de trabalho, escutando e compreendendo como era a rotina, as minhas colegas de trabalho, Marinthia e Juliety que sempre apoiaram todos os momentos e deram o suporte necessário.

Agradeço ao meu orientador, Lucas Ferraz Córdova por todo conhecimento compartilhado, os ensinamentos, pelos momentos de acolhimento que foram essenciais para dar continuidade.

Agradeço ao apoio, que tive ao longo desses anos da Priscila e da Lisi, minhas terapeutas, também agradeço muito ao Frederico Marques e a Paula que me auxiliaram para tudo isso pudesse acontecer.

Agradeço aos colegas, pelo apoio em especial aos colegas Amanda e Pedro que foram extremamente solícitos e acolhedores.

Agradeço a Banca aos membros da banca por aceitarem o convite, Prof. Alberto, Ana Karla e Prof. Rodrigo por todas as orientações e contribuições na qualificação.

Agradeço a colega Tamires, que sempre se dispôs a conversar e orientar no que fosse possível e todos profissionais do mestrado de psicologia que sempre estiveram presentes, Eduardo, Rosely, Prof. Alexandre, em especial a Prof. Alexandra que esteve no início, em um momento muito delicado, acolhedora, preocupada em compreender as demandas de cada aluno, isso me aproximou muito da rotina do mestrado.

E por fim, agradeço aos participantes da pesquisa, e a todos os profissionais acompanhantes terapêuticos que foram de extrema importância para construção dessa pesquisa. Ressalto que todos esses fatores me fortaleceram para iniciar, continuar e finalizar esta pesquisa.

RESUMO

Esse experimento parte da premissa estabelecida pelo Behaviorismo radical, como filosofia que embasa a ciência da Análise do Comportamento, sendo o comportamento o objeto de estudo dessa epistemologia. Diante desse pressuposto, o objeto de estudo da pesquisa é o discurso explicativo de acompanhantes terapêuticos sobre comportamento de crianças, em específico acompanhantes terapêuticos que atuam com pessoas neurodivergentes. Para realização do experimento foi feita uma análise do discurso, implementando o Método Reno no discurso verbal sobre situações de análise funcional. São investigados os seguintes parâmetros: a) avaliar os componentes contingenciais que produziram os comportamentos verbais e classificá-los de acordo com o Método Reno; e b) avaliar as diferenças e as semelhanças do comportamento explicativo de acompanhantes terapêuticos Psicólogos e acompanhantes terapêuticos com outras formações. A pesquisa foi realizada em duas etapas a primeira de revisão de bibliografia para embasamento, a segunda a aplicação do experimento, que por sua vez se apresenta dividida em: a) coleta de dados onde as verbalizações ocorriam diante de um estímulo antecedente organizado pela pesquisadora, permitindo analisar as fontes de controle do comportamento verbal; e b) a autoanálise do comportamento da cientista. Participaram do experimento dez participantes, sendo 5 acompanhantes terapêuticos psicólogos e 5 acompanhantes terapêuticos com outras formações. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, criadas categorias de análise a partir de verbalizações. A partir de tais análises, foram realizadas comparações entre os grupos, sendo que os dois grupos emitiram respostas verbais das mesmas categorias, havendo também variações entre categorias e frequências de respostas diante de estímulos antecedentes. A pesquisa trouxe contribuições de forma indireta para o comportamento verbal do psicólogo e análise do comportamento, do impacto do treinamento e da formação do profissional acompanhante terapêutico. Em suma, as variáveis apontadas na pesquisa e histórico de cada pessoa podem implicar na frequência de respostas mentalistas.

Palavras-chaves: Comportamento verbal. Análise do Comportamento. Acompanhante terapêutico.

ABSTRACT

This experiment is based on the premise established by radical Behaviorism, as a philosophy that underpins the science of Behavior Analysis, with behavior being the object of study of this epistemology. Given this assumption, the object of study of the research is the explanatory discourse of therapeutic companions about children's behavior, specifically therapeutic companions who work with neurodivergent people. To carry out the experiment, a discourse analysis was carried out, implementing the Reno Method in verbal discourse about functional analysis situations. The following parameters are investigated: a) evaluate the contingency components that produced verbal behaviors and classify them according to the Reno Method; and b) evaluate the differences and similarities in the explanatory behavior of therapeutic companions Psychologists and therapeutic companions with other training. The research was carried out in two stages, the first of reviewing the bibliography for support, the second of applying the experiment, which in turn is divided into: a) data collection where verbalizations occurred in the face of an antecedent stimulus organized by the researcher, allowing to analyze the sources of control of verbal behavior; and b) self-analysis of the scientist's behavior. Ten participants participated in the experiment, 5 of whom were psychologists and 5 of whom were therapists with other training. The interviews were recorded, transcribed and, later, analysis categories were created based on verbalizations. Based on such analyses, comparisons were made between the groups, with both groups issuing verbal responses from the same categories, with variations between categories and response frequencies when faced with antecedent stimuli. The research indirectly contributed to the psychologist's verbal behavior and behavior analysis, the impact of training and the training of professional therapeutic companions. In short, each person's history may imply the frequency of mentalistic responses.

Keywords: Verbal behavior. Behavior analysis. Therapeutic companion.

Lista de Figuras

Figura 1. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria causal do grupo A.	42
Figura 2. Gráfico das respostas verbais classificadas na macrocategoria de intervenção do grupo A.	44
Figura 3. Gráfico comparativo de respostas verbais classificadas na macrocategoria causal e macro categoria intervenção do grupo A.	46
Figura 4. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria causal grupo B	48
Figura 5. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria intervenção do grupo B.	49
Figura 6. Gráfico comparativo de respostas verbais classificadas na macrocategoria causal e macrocategoria intervenção do grupo B.	51

Lista de Tabelas

Tabela 1. Dados dos participantes.	36
--	----

SUMÁRIO

1. BEHAVIORISMO RADICAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	11
1.1. Comportamento verbal.....	13
1.2. Comportamento verbal explicativo	16
1.3. Método Reno	18
1.4. Estudos experimentais.....	20
2. FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	
NO BRASIL.....	25
2.1. Acompanhante terapêutico	28
2.2. Formação do profissional que atua com Análise do Comportamento	
Aplicada	31
2.3. Justificativa	32
3. OBJETIVOS	34
3.1. Objetivo geral	34
3.2. Objetivos específicos	34
4. MÉTODO	35
4.1. Material.....	35
4.2. Participantes	35
4.3. Local de coleta	37
4.4. Procedimento	37
5. RESULTADOS	39
5.1. Categorização.....	39
5.2. Resultado da coleta	42
5.2.1. Resultados de Macrocategoria Causal - Grupo A	42
5.2.2. Resultados de Macrocategoria intervenção- Grupo A	44
5.2.3. Resultados comparativo de macrocategoria causal e macrocategoria	
intervenção - Grupo A.....	46
5.2.4. Resultados de Macrocategoria Causal - Grupo B	47
5.2.5. Resultados de Macrocategoria Intervenção - Grupo B.....	49
5.3. Comparativo de resultados da macrocategoria causal e macrocategoria	
intervenção do grupo B.....	51
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO	54
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICES	66
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	
.....	66
APÊNDICE 2 – TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA.....	69
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO INICIAL (PRÉ-EXPERIMENTAL).....	70
APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO RELACIONADO AO VÍDEO 1 E 2	72
APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DE COLETA DE DADOS	73
5.1. Participante A1 – Grupo A.....	73
5.2. Participante A2 – Grupo A.....	75
5.3. Participante A3 – Grupo A.....	77
5.4. Participante A4 – Grupo A.....	79
5.5. Participante A5 – Grupo B.....	82
5.6. Participante B6 – Grupo B.....	83
5.7. Participante B7 – Grupo B.....	85
5.8. Participante B8 – Grupo B.....	87

5.9. Participante B9 – Grupo B..... 89
5.10. Participante B10 – Grupo B..... 91

1. BEHAVIORISMO RADICAL E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

O Behaviorismo Radical foi criado por B. F Skinner (1904-1990), com influências do pragmatismo durante a primeira metade do século XX, que reverberam até a atualidade. O pragmatismo, por sua vez, é uma filosofia americana que teve como principais teóricos Charles Peirce, William James e John Dewey. Na segunda metade do século XIX e início do XX, a investigação científica era pautada na descoberta da verdade para a explicação da funcionalidade, de modo que instrumentaliza o agir frente à natureza, dando significado à experiência (Baum, 2006).

O pragmatismo, em princípio, foi influenciado pelo processo de ciências experimentais e pela ideia do qual foi derivado, ou seja, de que o conhecimento era produto de uma manipulação intencional de fenômenos, pela descrição da natureza, pelo valor instrumental e valor funcional, em que a verdade era atribuída de acordo com a relevância e sua instrumentalidade. Portanto, entender a realidade não é representá-la, mas produzir regras de ação que propiciem interações efetivas com a mesma (Tourinho, 1996, p. 45). Mais tarde, o pragmatismo ganha um novo desenvolvimento, por Rorty, onde perde o sentido de representacionismo e de mente como uma entidade responsável pela construção de conhecimento e passa a ser voltado para a crítica da linguagem e a noção de significado.

Uma outra teoria que influencia o Behaviorismo Radical, foi a teoria desenvolvida por Charles Darwin (1859) sobre seleção natural de caráter adaptativo envolvido no processo biológico aplicado ao comportamento. Sua teoria estava diretamente ligada ao ambiente, defendendo que este seleciona os indivíduos transferindo suas características de uma geração para outra, assim, modelando as características dos membros.

Alguns autores contribuem sobre a discussão da relação comportamental e sobrevivência e de adaptação, como Baum (2006), que destaca que os indivíduos que se comportam mais eficientemente têm maior aptidão. Para ele, a aptidão de um genótipo depende de sua capacidade de gerar indivíduos que se comportam melhor do que outros. Já Catania (1999), descreve que a sobrevivência pode ser dita contingente em relação a certos tipos de comportamento, ou seja, ações podem causar a extinção de espécies.

A partir da influência do pragmatismo e da teoria da evolução, Skinner define que a evolução da espécie humana se deu a partir de vários fatores, sendo explicada

a partir da seleção natural, do processo fisiológico até os processos do comportamento. Em seus estudos, Skinner (1974) entende que o comportamento envolve fatores ambientais e contingências. Portanto, há seleção por consequências, processo pelo qual o comportamento é mantido ou extinguido do repertório do indivíduo.

O processo de seleção do comportamento é dividido em três níveis de seleção, o primeiro é o filogenético, em que a evolução é um grande marcador, pois é quando as respostas são afetadas de forma gradual ao longo do tempo biológico, de populações, de organismos e de características, como o comportamento. O segundo, a ontogenética, onde ocorre a modelagem do comportamento por suas consequências durante a vida de um organismo individual. E o terceiro nível é a seleção cultural, em que ocorre a sobrevivência de padrões de comportamentos à medida que são passados de um indivíduo para outro, esses comportamentos mudam tanto durante a ontogenia e filogenia (Catania, 1999). Portanto, comportamento é um conjunto de contingências filogenéticas e ontogenéticas que ocorrem durante as interações do organismo com seu ambiente (Skinner, 1966).

O principal interesse do Behaviorismo é entender como o comportamento é mantido e aprendido e quais são estas contingências que eliciam este comportamento. Baum (2006) destaca que a espécie humana tem muitos reflexos, bem como padrões fixos de ações que são eliminadas ou modificadas através de treinos culturais, sendo os treinos culturais entendidos dos mais simples aos mais complexos. O Behaviorismo Radical entende o ser humano como um organismo que se comporta e que, ao se comportar, produz uma consequência, atua e muda o ambiente (Carrara, 2002). Assim, diante do modelo de seleção pelas consequências, há uma explicação de comportamento de funções, de variáveis ambientais, ocorrendo uma relação funcional de causa dentro da filosofia do Behaviorismo Radical.

Dentro do modelo ontogenético, o comportamento operante vai ser explicado por suas consequências, pois é a principal fonte de controle, no qual vários elementos são levados em consideração como ambiente, pessoas e estímulos, pois eles propiciam o comportamento do indivíduo de forma antecedente, ocasionando a aprendizagem do comportamento, este que é selecionado e mantido com o passar da história de reforçamento da pessoa, bem como as contingências estabelecidas (Skinner, 1981).

O comportamento operante se define pela relação entre uma classe de

respostas e uma classe de estímulos por ela produzida, ou seja, relação entre organismo e ambiente, em que a resposta afeta/altera o ambiente. O reforço é a classe de estímulos que define e tem o efeito de selecionar e manter uma classe de respostas, pois afeta a probabilidade de ocorrer (Pessoa; Velasco, 2014).

O termo operante está ligado com a previsão e controle de um tipo de comportamento, um operante específica pelo menos uma relação com uma variável, o efeito que o comportamento caracteriza, se bem que não inevitavelmente, tem sobre o meio e não sobre uma unidade formal. A resposta deve ocorrer como função de certa variável. Desta forma, o que determina se o comportamento vai ou não ocorrer é a consequência, que são chamadas de reforços (Skinner, 1974/2006).

O comportamento é uma parte funcional do organismo em agir sobre ou ter intercâmbio com o mundo externo, o comportamento é apenas uma parte do funcionamento do organismo (Skinner, 1938/1991, p. 6). O comportamento pode ter consequências reforçadoras que vão manter a resposta e comportamento da pessoa ou consequências punitivas que vão diminuir a probabilidade de o comportamento ocorrer. Assim, de acordo com as condições propiciadas, as consequências do reforço continuam a ser importantes depois do comportamento instalado bem como para outros comportamentos da vida do indivíduo.

1.1. Comportamento verbal

Comportamento verbal foi proposto por B. F Skinner em (1957) quando lançou o livro, *Verbal Behavior*, do qual se dedicou a estudar o comportamento operante com o intuito de analisar as relações entre o organismo e o meio, o processo de aprendizagem do comportamento e, com os fundamentos da Análise do Comportamento, as modificações do comportamento verbal e todos os seus processos em falante e ouvinte.

O comportamento verbal é um comportamento operante como qualquer outro, que é mantido e selecionado por suas consequências, em específico controlado por sua comunidade social, pessoas e cultura, apresentando uma contingência verbal entre falante e ouvinte. O comportamento é reforçado e mantido quando o falante especifica o comportamento, desta forma há mais probabilidade de o comportamento ser reforçado. Enquanto o comportamento verbal é modelado e modificado a partir da mediação da comunidade, o comportamento não verbal é modelado e sensível às

consequências e acompanha um comportamento não verbal correspondente. O que fazemos é modelado e instruído, geralmente é governado verbalmente. As contingências sociais modelam o comportamento verbal do falante e do ouvinte, criando condições para a fala e para repertórios verbais, em diálogos, o falante se torna ouvinte e vice-versa, reforçando os comportamentos emitidos (Catania, 1998).

O comportamento altera o ambiente através de ações mecânicas e suas propriedades ou dimensões se relacionam frequentemente de uma forma simples com os efeitos produzidos. A maioria das ações do homem é voltada para outro homem, por exemplo, quando está com sede, emite uma série de sons que induz a outra pessoa a dar um copo d'água. O comportamento verbal, como já foi mencionado, está sob controle de um estímulo, e três acontecimentos devem ser considerados: um estímulo, uma resposta e um reforço, estes são interdependentes (Catania, 1998).

Assim, a frequência com que um falante emite uma resposta depende igualmente da frequência do reforço liberada pela comunidade verbal, portanto, se o reforço cessa, o operante enfraquece e pode desaparecer pela "extinção". Segundo (Skinner, 1957/1978 p.31):

Reforço operante, portanto, é simplesmente o meio de controlar a probabilidade de ocorrência de determinada classe de respostas verbais. se desejamos tornar a resposta de um dado tipo altamente provável, providenciaremos o reforço efetivo de muitos exemplos de tal tipo. se desejamos eliminá-lo do repertório verbal, providenciamos para que não haja mais reforço. Qualquer informação sobre a frequência relativa de reforço característica de uma comunidade verbal dada é obviamente valiosa para a previsão de tal comportamento.

O comportamento verbal não se restringe apenas ao vocal, o falante, ou seja, independente da sua forma afeta o ouvinte. A fala é o mais comum, porém há outras maneiras, como a escrita, sinais, gestos, porém, existem distinções entre os comportamentos.

O comportamento verbal é efeito de múltipla causa, ou seja, variáveis que separadas combinam-se para ampliar o controle funcional do comportamento, surgindo da recombinação de velhos fragmentos, exercendo controle sobre o ouvinte. Como destacado anteriormente, o falante também é um ouvinte dentro da comunidade verbal, portanto, reage a seu próprio comportamento de maneira importante, controlando o comportamento do ouvinte e também sendo controlado por sua comunidade verbal (Skinner, 1957/1978).

O controle pela audiência, como Skinner define, funciona como um estímulo

discriminativo, como parte de uma ocasião para que o comportamento seja reforçado, controlando a probabilidade da resposta (Skinner, 1957/1978). Uma das funções da audiência é a seleção de conteúdo, e da forma do comportamento verbal, certas comunidades podem modelar e tornar alta a probabilidade de metáforas, trocadilhos e piadas, a comunidade brasileira é um exemplo disso, como indicam Hübner *et al.* (2005). Há outro tipo de controle, o múltiplo, do qual o primeiro tratamento de controle múltiplo causação múltipla aparece quando se discute o controle exercido pela audiência como um estímulo discriminativo. A segunda forma de controle múltiplo ocorre quando operantes verbais combinam-se em uma ocasião específica (Skinner, 1957/1978).

Um outro fator a ser levado em consideração é o significado que explica a ocorrência de um conjunto diferente de palavras. Uma expressão vocal será afetada dependendo do significado (Skinner, 1957/1978). Moxley (1997) defende que os significados selecionistas são o resultado de uma análise funcional de uma palavra no contexto. Este, ou o uso da palavra em determinado contexto, vai determinar o significado dessa palavra, assim as palavras vão adquirindo história de uso em determinadas instâncias específicas, assim como todo comportamento operante.

O significado da palavra está de acordo com a contingência aplicada em seu uso. Um grande complicador são as múltiplas fontes de controle do comportamento, pois há várias possibilidades de combinações e recombinações dos estímulos que podem controlar a emissão dos comportamentos verbais, o que dificulta a compreensão do real significado de uma palavra ou intenção (Skinner, 1957/1978 *apud* Moxley, 1999, p. XX).

Desta forma, faz necessário uma análise funcional para compreender os operantes verbais, estes foram estabelecidos por Skinner em seu livro *Comportamento Verbal*, como: mando, tato ecoico, textual, transcrição e intraverbal; além de um operante verbal secundário, denominado auto clítico, utilizado para compreensão da função e da consequência do comportamento verbal investigado.

O operante verbal é exclusivamente uma unidade do comportamento do falante individual, cada operante verbal pode ser concebido como sob circunstância específica, uma probabilidade de emissão que pode ser determinada, emissão conveniente chamada de sua "força" (Skinner, 1957/1978), ou seja, se a resposta é emitida, o operante verbal é forte.

A partir da força, qualquer operante continua sendo mantido por reforço, de forma que o processo de condicionamento operante fica evidente quando o

comportamento verbal é adquirido inicialmente. Para Skinner (1957/1978) o tipo de operante verbal se dá a partir da resposta de uma forma dada e é caracteristicamente seguida por uma consequência dada numa comunidade verbal. Reconhece-se na contingência o reforço e a privação quanto a estimulação aversiva e é livre para lidar com essas variáveis da maneira mais apropriada sem tentar identificar uma relação de referência.

Assim sendo, o comportamento verbal passa a ser parte importante e passível de uma análise funcional, pois esta procura as variáveis independentes que controlam o comportamento verbal no ambiente do organismo, variáveis que devem ser sujeitas a observação e manipulação, para que haja uma verificação de sua relação de controle do comportamento verbal, bem como, instalação do repertório desse comportamento. A análise do comportamento verbal é o estudo do comportamento verbal do falante e do ouvinte concretos, individuais, num ambiente específico e conhecido (Passos, 2003).

1.2. Comportamento verbal explicativo

O comportamento verbal explicativo é entendido a partir do comportamento operante, pois a consequência é disponibilizada pelo ouvinte treinado em sua comunidade verbal. Skinner (1957/1978) destaca, e se preocupa, que o cientista passa a ser objeto de estudo, bem como o comportamento verbal, que consiste geralmente em emitir explicações, sendo estas descrições acerca de relações causais. No Behaviorismo Radical, o modelo de causalidade é considerado sobre o explicar do fenômeno, Carrara (2002) indica que descrever é explicar, no sentido de que é necessário descrever relações entre variáveis e não apenas descrever características físicas e morfológicas dos fenômenos. Possibilitando o aparecimento das relações funcionais, onde surgem variáveis cujos os valores se alteram simultaneamente.

Para Skinner (1957/1978) as explicações estão diretamente implicadas no significado, que são classificadas de acordo com o interesse do falante, bem como o histórico de reforçamento e o repertório do sujeito. O que vai eliciar uma explicação, segundo o autor, são os antecedentes, estes são essenciais para a compreensão do significado, assim como a descrição e a topografia. Para compreender o significado, o sujeito (falante/ouvinte) precisará estar atento a todas essas variáveis e estímulos

discriminativos, o que torna o comportamento complexo.

No ambiente científico, o comportamento verbal passa a ser destaque, Chiesa (2006) define que parte do trabalho do cientista é identificar, de forma mais precisa possível, o significado dos termos para facilitar a comunicação dentro de seu campo, tendo em vista que alguns campos e linguagens científicas consistem particularmente em sistemas de símbolos e elementos, como a matemática e química. Tudo vai depender da natureza da ciência estudada, em outros campos pode ser derivado da nossa linguagem, precisando de um maior cuidado com a utilização das palavras para evitar conflitos.

Os fatores comportamentais, no ambiente científico, como Skinner (2003) descreve, são um conjunto de atitudes em busca da ordem, da uniformidade e de relações ordenadas entre os eventos da natureza. O objetivo de uma ciência, que observa o comportamento, é descrever os termos que os tornam familiar, e, portanto, “explicado”. O objetivo da ciência é estabelecer padrões verbais dentro da comunidade científica, a partir de uma análise do comportamento diferenciando a linguagem do senso comum, pois a linguagem não é neutra em relação ao objeto de estudo e o cientista pode ser influenciado por interpretações do comportamento (Chiesa, 2006). A ciência é, em grande medida, comportamento operante do cientista juntamente com os artefatos associados à origem e à execução de seu comportamento e os artefatos produzidos por seu comportamento (Moore, 2017). Logo, o comportamento do cientista varia entre atividades de pesquisa em laboratório até conversas e escritos sobre.

Os reforçadores para o comportamento operante da ciência formam um *continuum*, de um lado a previsão de controle natural, de outro o extremo, o complexo e os dados. Moore (2017) destaca que a ciência outrora era primitiva, pois suas tecnologias eram advindas do desenvolvimento de ferramentas e do artesanato, portanto a comunicação se dava de acordo com as regras, que eram abstratas e generalizadas, de acordo com o grau de liberdade para sua aplicação para melhoria da ferramenta. Um ponto a destacar na história é que o comportamento verbal recai sobre *continuum* pragmático que varia de: (a) regras de artesãos; (b) relações funcionais; (c) conceitos analíticos e explicativos de ordem superior; e (d) teorias, leis, explicações e interpretações. Em uma ponta do *continuum*, a principal preocupação é a ação direta, a prática efetiva em casos particulares e do outro lado, a organização dos dados.

Assim, Moore (2017), ainda ressalta a importância da natureza das contingências que influenciam o comportamento científico e até que ponto o comportamento científico pode ser influenciado por contingências decorrentes. O autor estabelece que (a) operações e contatos com dados resultam em ação efetiva com relação à natureza - como predição e controle, em oposição a contingências oriundas de (b) tradições sociais e culturais, (c) processos linguísticos maliciosos, às vezes chamados de reificação, e (d) metáforas inapropriadas.

Portanto, como destacado anteriormente, o comportamento explicativo é desenvolvido ao longo da vida, como qualquer outro comportamento operante, ganhando ênfase como uma das maiores ferramentas do cientista, pois passa-se a observar não só o comportamento do pesquisando, mas do cientista, os impactos, o histórico, a relação ouvinte e do falante e a relação que tem com os fenômenos.

1.3. Método Reno

No campo da explicação, compreender o efeito da verbalização sobre o ouvinte é de extrema importância e a Análise Comportamental do Discurso (ACD) cumpre esse papel. Nesse sentido, uma das ferramentas aqui utilizadas para tal análise é o Método Reno, que é condizente com os pressupostos do Behaviorismo Radical.

Esta ferramenta deve ser considerada como uma meta-análise, ou uma autodescrição do comportamento de analisar. O analista lida com o discurso do sujeito e com seu próprio comportamento de responder ao material analisado. Aqui, o discurso é definido funcionalmente como um conjunto de operantes verbais com certas propriedades, emitidas em um contexto sob controle de uma determinada audiência (Xavier *et al.*, 2017).

Para se realizar a análise do discurso, é realizada a manipulação de uma variável antecedente de acordo com os objetivos da pesquisa e, a partir disso, observa-se como o sujeito de pesquisa se comporta verbalmente diante de um dado estímulo. O sujeito é sempre orientado com o mínimo de informações necessárias para realizar a tarefa, a fim de evitar o controle da resposta, priorizando a análise histórica, que é a chave para compreensão de uma emissão verbal. A função do discurso é usada como ferramenta para compreensão do conjunto de operantes verbais utilizados (Borloti *et al.*, 2008).

Para melhor entendimento, Xavier *et al.* (2017) separaram as etapas de análise

em 8 passos, a saber, no primeiro passo, deve-se criar condições experimentais que permitam avaliar o efeito e as alterações ambientais sobre respostas verbais dos participantes, os estímulos devem ser manipulados, medindo os efeitos dessa manipulação sobre o comportamento verbal dos participantes. No segundo passo, ocorre a transcrição de respostas verbais, em que se deve realizar um registro fidedigno em relação às respostas verbais, para realizar uma análise das ênfases feitas, contendo todas as respostas e as topografias, bem como, discurso. A terceira etapa trata-se da transcrição do material, que deve ser selecionado e isolado/agrupado para análise, conforme os efeitos sobre o pesquisador (cujo repertório foi treinado na comunidade científica específica) (Borloti *et al.*, 2008; Mccorkle, 1991 *apud* Xavier, *et al.*, 2017).

O quarto passo é a inferência dos operantes, ou seja, inferência dos elos intraverbais e estrutura autoclítica do discurso. Ocorre então o quinto passo, que se trata do estabelecimento de categorias para o discurso, em outras palavras, o pesquisador cria categorias para classificar respostas verbais coletadas (1ª passo), transcritas (2ª passo), isoladas/agrupadas (3ª passo) e das quais os operantes foram inferidos (4ª passo). O pesquisador agrupa respostas verbais de interesse que compartilham topografias ou funções comuns. É este passo o que diferencia o Método Reno do método tradicional da ACD, no Método Reno, a postura interpretativa do cientista ganha mais força e espaço através de uma autoanálise.

Assim, o sexto passo é a análise das variáveis (históricas e atuais) que atuam como controle funcional do discurso. Nesta fase, são analisados os efeitos de variáveis experimentais sobre o discurso dos participantes como: características e comportamentos de audiências; modificação de audiência; presença do pesquisador; condições artificiais da pesquisa; manipulação de variável ambiental, dentre as outras possibilidades de fatores (Xavier *et al.*, 2017).

Na sétima etapa ocorre a descrição do próprio analisar, nesta fase o pesquisador deve fazer uma descrição funcional de sua própria resposta e categorizar /analisar, deve discriminar verbalmente porque determinadas amostras foram classificadas em determinadas categorias e o que embasou determinadas análises. O oitavo passo é a exposição repetida dos dados, ocorre durante todo o processo, em que, durante toda a exposição do pesquisador aos dados, as leituras e os segmentos verbais devem ser repetidos.

É importante ressaltar que a partir desse método é possível identificar diante

de quais contingências o sujeito emite uma determinada classe de verbalização, quais as interações entre ambiente e resposta, estão exercendo controle sobre o comportamento verbal.

Para Xavier (2016, pg. 43) o Método Reno:

Possibilita a análise experimental e interpretativa específica do comportamento verbal, a partir da manipulação de variáveis independentes (variáveis ambientais – especificamente em estudos de controle da audiência, alterações na audiência) e da identificação de seu efeito sobre unidades do comportamento verbal humano (variáveis dependentes – alterações no discurso). Assim, é possível elaborar a caracterização dos discursos, relacionando-a funcionalmente a variáveis ambientais dispostas no momento da aplicação da pesquisa e nos históricos dos sujeitos. Trata-se, então, de relacionar respostas verbais com suas variáveis de controle, baseando-se nos métodos experimental e interpretativo.

A escolha desse método ocorre a partir da leitura de alguns estudos, que buscaram investigar o explicar e encontraram dados que viabilizaram e constataram a importância de estudos empíricos e a conformidade com um modelo operante, conforme a seguir.

1.4. Estudos experimentais

As pesquisas voltadas para o Método Reno começam com Leigland (1989) para a observação de variáveis ambientais e o efeito em respostas verbais. O objetivo do estudo consistiu em analisar 14 participantes estudantes observarem um pombo numa caixa experimental, os animais apresentavam o comportamento de bicar um disco, neste experimento, o esquema de reforçamento foi organizado de maneira que o reforço ocorria de diferentes formas. No início dos estudos, os participantes receberam instruções de que deviam observar e explicar por escrito os comportamentos do pombo nos momentos em que quisessem. Um aparato marcava os momentos em que cada explicação era dada sobre a curva acumulada que representava a frequência do comportamento de bicar do pombo, de forma a acoplar cada explicação fornecida ao desempenho do pombo. No estudo experimental foi realizada a organização em Estudo 1 e Estudo 2, afim de diferenciar os esquemas de reforçamento e observação.

No Estudo 1, o bicar foi reforçado em esquema de intervalo fixo de 4 min (FI 4), e a chave permanecia com uma luz vermelha acesa, exceto durante a apresentação da comida, utilizada como estímulo reforçador. No Estudo 2, a luz que iluminava a

chave se alterava entre vermelho e verde, sendo que, quando a luz verde estava acesa, ocorria um esquema FR 12, e, na luz vermelha, permanecia o esquema usado no Estudo 1 (FI4). O Estudo 2 foi proposto pelo fato de que o pombo tinha, em sua história experimental, passado por diversos esquemas de reforçamento distintos, de forma que seu responder, durante o Estudo 1, não se assemelhou ao padrão típico do FI, padrão este caracterizado por intervalos pós-reforçamento e aumento da frequência no período final do intervalo (Leigland, 1989).

Após as classificações realizadas, Leigland (1989) apresentou quais termos tinham sido identificados como mentalistas (e.g., frustrado, preocupado e ansioso) e em quais condições ocorreram nas explicações dos participantes. De maneira geral, o autor observou que, quando o comportamento do pombo estava sob controle discriminativo preciso (Estudo 2), havia menor ocorrência de explicações consideradas mentalistas e maior ocorrência de respostas descritivas de aspectos observáveis do que na ausência desse controle discriminativo, como ocorreu no Estudo 1. Também, destaca que no experimento 1, diante das variáveis ambientais, os participantes emitiram um número maior de respostas relativas a interesses e a estados internos do pombo, classificando as respostas como mentalistas.

No experimento 2, de controle de estímulo, havia mais condições de observação e houve um número maior de respostas descritivas.

O passo a passo do Método Reno, são executadas de forma concomitantemente, Leigland (1989) este estudo foi desenvolvido para identificar o esquema de reforçamento sobre as respostas de bicar de um pombo, bem como variações ambientais, e o uso de termos mentalistas pelos participantes para explicar as respostas do pombo (variações de respostas verbais), o pesquisador organizou dois experimentos, com a participação de sete estudantes universitários que assistiam o experimento ao vivo e forneciam explicações por escrito, sobre o comportamento do pombo, nos diferentes experimentos o pombo era submetido a diferentes esquemas de reforçamento.

De acordo com o Método Reno, e seguindo o seu desenvolvimento, foram realizadas pesquisas que sofreram suas influências como a Chaveiro (2014), que realizou uma pesquisa buscando investigar o controle exercido pelos conceitos de explicação e descrição de respostas verbais de 12 estudantes com e sem conhecimento de Análise do Comportamento. Os participantes da pesquisa foram divididos em 4 grupos, os grupos 1 e 2 eram compostos de sujeitos com histórico de treino com a Análise do Comportamento e nos grupos 3 e 4 sujeitos sem esta variável. Os participantes da pesquisa assistiam ao vídeo de um rato em esquema de

reforçamento FI 40 segundos e, após a observação, aos grupos 1 e 3 foram solicitados aos participantes explicar o comportamento do rato e aos dos grupos 2 e 4 foram solicitados que descrevessem o comportamento do animal.

De acordo com a coleta e classificação dos dados, contabilizou-se três categorias: mentalistas, históricas e topográficas. Os resultados indicaram que os participantes dos grupos 1 e 2 tiveram respostas verbais de cunho mais mentalista, e nos grupos 3 e 4 tiveram uma variedade de respostas verbais perante à solicitação de explicação e em relação à solicitação de descrição emitiram respostas que continham a topografia de resposta do animal. Para Chaveiro (2014), a história pessoal, com ou sem o treino em análise funcional, influenciou mais a resposta da explicação do comportamento do que as instruções “explique” e “descreva”. Também, foi possível analisar que os resultados remeteram aos de Leigland (1989), uma vez que quando a contingência não estava tão clara, as explicações mentalistas foram maiores.

Quanto à pesquisa de Paz Filho (2015), propôs-se a análise das respostas verbais dos participantes da pesquisa, que ficaram sob controle de diferentes fragmentos teóricos que foram apresentados antes destes assistirem a um vídeo de um rato em intervalo de esquema de reforçamento fixo de 40 segundos. Os sujeitos de pesquisa eram estudantes de psicologia que tinham recém ingressado no curso, a divisão ocorreu em dois grupos, sendo o grupo 1 apresentado um fragmento teórico de Skinner e para o grupo 2, um fragmento teórico de Tolman. Os resultados da pesquisa mostram que os participantes do grupo 1 emitiram respostas mais externalistas, enquanto que os do grupo 2 emitiram respostas mais internalistas. Paz Filho (2015) discute que outras variáveis podem ter influenciado no padrão de resposta obtido e não apenas o antecedente “fragmento teórico” apresentado para cada grupo.

A pesquisa de Xavier (2016) objetivou investigar o efeito de diferentes hierarquias da audiência sobre a auto edição do discurso explicativo de psicólogos organizacionais. Para o desenvolvimento, apresentou-se duas situações organizacionais hipotéticas, uma envolvendo um episódio verbal entre os participantes e um gerente comercial, que tinha uma posição hierárquica superior. A partir disso, objetivou-se identificar as variáveis históricas e ambientais das quais as respostas verbais explicativas e auto edição são funções.

Os participantes, 6 psicólogos atuantes da área organizacional, foram expostos a uma história sobre dois funcionários de uma empresa automobilística. Os

participantes verbalizaram e escreveram sobre os comportamentos dos funcionários e apresentaram uma intervenção. Explicaram a um gerente comercial, de hierarquia superior, uma situação organizacional hipotética e explicaram a outro psicólogo, colega de mesmo nível hierárquico, essa mesma situação organizacional. Em seguida foi realizada uma comparação entre as classificações desse discurso. Os participantes foram divididos em dois grupos e a ordem das fases foram alternadas, para avaliar se a ordem exerceria algum efeito. A pesquisadora utilizou o Microsoft Word e, em conjunto, o Free Screen Video Recorder, programa que grava a tela do computador. Assim, tinha acesso a todos os caracteres escritos, inclusive os apagados (Xavier, 2016).

Para a análise de dados a pesquisadora recolheu todas as respostas verbais dos participantes, classificou o material verbal em operantes verbais e categorias estabelecidas por ela, as respostas verbais em relação à audiência continham verbalizações explicativas adicionais que descreviam a situação sem elementos de persuasão sobre o repertório do ouvinte. As categorias secundárias corresponderam a análise dos segmentos verbais em relação à abordagem teórica, a qual se subdivide em coerente, quando o viés explicativo correspondia com a abordagem teórica do participante, e incoerente, quando não concerniu com a mesma abordagem teórico, assim também, o viés explicativo, que se subdividiu em internalista-mentalista. Dessa forma, analisou as fontes de controle sobre as respostas verbais apresentadas pelos participantes, relacionando-as ao seu contexto histórico e ambiental, buscando encontrar regularidades (Xavier, 2016).

Xavier (2016) concluiu que diante do aspecto de audiência de hierárquica elevada, quando as respostas eram dadas ao gerente comercial, houve controle de uma maior quantidade de auto edições, quantidade menor de publicação e de tempo de elaboração das respostas, evidenciando uma influência significativa do histórico de reforçamento dos participantes em relação às diferentes audiências, que funcionam como estímulos discriminativos para diferentes respostas. Nas respostas à outra psicóloga organizacional, a maioria dos *relatos* se classificaram em concordante e adicional e não foram observadas auto edições relevantes, que alteravam o sentido do discurso. Em relação à abordagem teórica, metade dos participantes foram coerentes e a outra metade incoerente. E sobre o viés explicativo, a maioria dos participantes que tiveram acesso primeiramente ao discurso do gerente se encaixaram no viés externalista-funcional e todos que tiveram acesso primeiramente

ao discurso da psicóloga organizacional apresentaram maior proporção de explicação internalista-mentalista. Demonstrando diferenças nos padrões discursivos quando a audiência hierárquica era diferente.

Em outro trabalho experimental, Marques (2019) investigou o efeito do conhecimento sobre o contexto em que uma situação de agressão ocorre sobre o discurso explicativo dos participantes, para assim realizar um refinamento do Método Reno. A autora partiu da hipótese de que, tendo contato com o contexto em que a violência ocorria, o discurso explicativo do participante se alteraria, diferentemente se não tivesse tido conhecimento sobre o contexto. Esta pesquisa trabalhou com 10 participantes, aleatoriamente divididos em 2 grupos. O experimento consistiu em apresentar aos sujeitos de pesquisa um vídeo em que dois adolescentes se agridem. O grupo A assistiu ao vídeo completo, mas o grupo B assistiu somente a uma parte incompleta do vídeo, em que um garoto maior agride um garoto significativamente menor que ele. O grupo B, após 48 horas, assistiu então ao vídeo de forma completa. Nestes três momentos, após a visualização do vídeo, era solicitado que explicassem o comportamento dos personagens apresentados.

Os resultados da pesquisa demonstraram que o grupo B, quando assistiu ao vídeo inteiro, teve respostas similares às do grupo A. Ainda, o grupo B após visualização total, teve um índice de respostas internalistas diminuído e apresentaram um aumento no número de respostas topográficas e funcionais acerca do comportamento de agressão. Marques (2019) discute que sua pesquisa corrobora com pesquisas anteriores que demonstraram que quando se discrimina mais nitidamente as variáveis que controlam o comportamento maior, o número de respostas explicativas descritivas é menor que o de mentalistas.

2. FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL EM ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL

A história da Análise do Comportamento (AC) surge em 1950, nos Estados Unidos, e começa a se expandir com pesquisas e periódicos. No Brasil, surgiu em meados de 1960 com as aulas de B. F. Keller na Universidade de São Paulo (USP), e com criações de cursos de pós-graduação em psicologia experimental na USP e Universidade de Brasília (UnB) (Matos, 1996). O primeiro centro de formação em Análise do Comportamento situado na UnB, ocorreu sob o comando de Carolina Bori, em seguida inicia o centro de São Paulo, tornando-se o maior local de ensino, sendo incluído o campus de Ribeirão Preto. Após os anos 90, surge os cursos Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da Universidade Federal do Pará (UFPA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), todas influenciadas direta ou indiretamente por São Paulo e/ou Brasília, cursos que até hoje tem a preocupação com a observação sistêmica e os métodos de investigação científica, demonstrações em laboratório, manipulações de controle de variáveis ambientais e seus efeitos sobre o comportamento (Hanna; Todorov, 2010).

Atualmente, a Análise do Comportamento permanece dentro da formação do acadêmico de psicologia em disciplinas como a psicologia da aprendizagem e a psicologia experimental. Em contextos aplicados, a AC é ensinada em psicologia do excepcional e psicologia clínica, porém a oferta ocorre em um menor número de instituições de ensino superior. Destaca-se que apesar dos progressos obtidos na comunidade dos analistas do comportamento, nas últimas décadas não houve uma ampliação de disciplinas e dos temas na academia, estabelecendo um ensino voltado apenas aos conceitos básicos de reforço, punição e esquemas. Para Hanna e Todorov (2010), os desafios do ensino é integrar a AC em diferentes temas da psicologia e evitar que o ensino ocorra por profissionais que desconhecem da Análise do Comportamento e de seus pressupostos, gerando preconceito e posições equivocadas nos alunos.

O desenvolvimento dos grandes centros, influenciados por Carolina Bori e por Fred Keller, embora não consolidaram a graduação, pois ainda está em construção, foi crucial para a criação dos cursos de mestrado e doutorado que formam pesquisadores em diversas universidades brasileiras, que oferecem a Análise do

Comportamento em diversas linhas de pesquisa (Hanna; Todorov, 2010).

Acredita-se que houve aumento na produção na área depois deste período, com o surgimento de revistas como “Psicologia” (1975 - 1987), “Ciência e Cultura” (1961 – 2001), “Modificação de Comportamento” (1976 – 1990), revista da extinta Associação de Modificação do Comportamento que foi substituída pela revista “Cadernos de Análise do Comportamento” (1981 – 1985). Segundo Cruz (2006) estes foram os principais periódicos a publicarem trabalhos comportamentalistas a partir da década de 60 e, após este período, outras revistas tornaram-se importantes para publicação para analistas do comportamento.

De acordo com Cruz (2006), atualmente, há um aumento do número de publicações, bem como, a criação de novos cursos de pós-graduação *stricto* e *lato sensu* voltados para o avanço de eventos científicos nacionais e regionais no Brasil nas últimas décadas.

Assim, se construiu a base da história da Análise do Comportamento, surgindo novas contribuições e novos pesquisadores, entre eles Luiz Marcellino (1939- 2008) foi um dos maiores pioneiros na pesquisa desta área, contribuiu no Programa de Bacharelado Especial do curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto, implantou o Programa de Bacharelado optativo. Em 1988, na Universidade do Chile, iniciou estudos com humanos, investigando os efeitos da desnutrição precoce no padrão de sono-vigília de crianças, desenvolvendo uma nova área de pesquisa no Laboratório de Nutrição e Comportamento, denominada área dos efeitos da estimulação ambiental na recuperação de prejuízos comportamentais e cerebrais causados pela desnutrição precoce. Os estudos nessa área desencadearam a sua criação do CEMAC – Centro de Estudo Multiprofissional de Apoio à Criança, através de uma Organização Não Governamental (ONG) (Almeida, 2014).

Ainda falando de pesquisa, outro autor destaca como foi o caminho da área da Análise do Comportamento e como é até os dias atuais, para Tourinho (2006) há um crescente no número de programas de pós-graduação em psicologia com o nível de doutorado, onde passou de apenas 14, em 1996, para 30 programas em setembro de 2006. Em 10 anos, houve um aumento de 114%. Segundo o autor, a Análise do Comportamento é uma das que há mais tempo participa, de modo expressivo, da produção científica em psicologia e do sistema de pós-graduação no Brasil. Um dos primeiros programas de pós-graduação em psicologia no Brasil, na Universidade de São Paulo, já tinha linhas de pesquisa em Análise do Comportamento. Análise de

comportamento constitui uma referência para a comunidade de pesquisadores, desta forma, precisa ser compreendida de forma ampla. Tourinho (2006, p. 234) relata esta produção, incluindo:

A produção de conhecimento em um domínio conceitual ou reflexivo, (b) a investigação básica de processos comportamentais, (c) a investigação aplicada e (d) a oferta de serviços articulada à pesquisa conceitual, básica e aplicada. Portanto, a subárea de conhecimento “análise do comportamento” reúne todos os pesquisadores vinculados às três tradições de pesquisa.

O autor indaga que houve uma mudança, pois há três décadas atrás a pesquisa em Análise do Comportamento era básica e pouco se produzia no campo conceitual e aplicada e, hoje, os projetos de pós-graduação são apoiados por agências, que acompanham o que ocorre dentro e fora do Brasil (Tourinho, 2006).

Segundo a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC), que é um fator muito importante, fundada em 1991, com o objetivo de congrega psicólogos e profissionais de outras áreas interessados na disseminação e no desenvolvimento científico e tecnológico da Análise do Comportamento, da terapia comportamental e da medicina comportamental. Em 2011, passou a chamar-se Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), mantendo inalterada sua sigla original. Em 2020, novamente em função das mudanças e evoluções no campo analítico comportamental, a ABPMC recebe um novo nome, Associação Brasileira de Ciências do Comportamento, abrangendo outras ciências além da psicologia, em que reúne pesquisadores, professores e profissionais que trabalham com análise do comportamento em suas diferentes dimensões.

Assim, na última década, pode-se ver a partir da ABPMC difusão do conhecimento para Análise do Comportamento, onde há indicadores desse conhecimento, segundo Tourinho (2006, p. 234):

a) O maior número de publicações em análise do comportamento, tanto sob a forma de artigos em periódicos (especialmente com o surgimento da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e da Revista Brasileira de Análise do Comportamento), quanto sob a forma de livros e capítulos de livros (com destaque para a coleção Sobre Comportamento e Cognição, à qual se seguiram outras coleções e publicações da mesma editora). b) O maior número de discentes de graduação interessados em análise do comportamento, buscando engajamento em projetos de pesquisa, participando dos Encontros da ABPMC e adquirindo as publicações da área. c) O maior número de candidatos aos programas de pós-graduação em análise do comportamento, sustentando a diversificação das linhas de pesquisa no interior desses programas. d) O surgimento de “institutos” ou centros não universitários de formação em análise do comportamento, em geral instituições privadas, mas fortemente ligadas aos grupos com inserção acadêmica. e) A multiplicação dos cursos de especialização, especialmente

em terapia analítico-comportamental, nos quais são ministrados não apenas conteúdos técnicos, mas também de fundamentação teórica e filosófica.

Porém, o autor aponta que esse crescente no avanço na comunidade científica, na oferta de serviços e no interesse de graduandos e pós-graduados pela área não parece ter sido acompanhada por um avanço na comunidade científica em Análise do Comportamento no Brasil. Ressalta a importância da ABPMC, que apoia fortemente os analistas do comportamento e aponta também que as outras subáreas são mais estruturadas como ciências nos últimos anos, apontando então a necessidade de um debate sobre políticas públicas para a formação de pesquisadores (TOURINHO, 2006).

Houve alguns aspectos sociais que levaram a Análise do Comportamento, no Brasil, a ficar mais popular e ser mais procurada, como a compreensão do comportamento em diversos contextos e com aumento de diagnósticos de autismo e outros atrasos do desenvolvimento. Também, tornou-se uma busca para com esses profissionais especializados. Embora a área teve uma grande expansão, no entanto, a formação de Analistas de Comportamento e a fiscalização dessas terapias acabou não acompanhando a demanda. A ABPMC criou a comissão de desenvolvimento atípico para desenvolver parâmetros para esta atuação, pois a demanda acabou criando subáreas dentro da prática clínica, tais como o terapeuta com formação, acompanhante terapêutico e outros.

2.1. Acompanhante terapêutico

Destaca-se que há diversas possibilidades de atuação, dentre essas há o profissional acompanhante terapêutico – tema da pesquisa – que atuam com Análise do Comportamento Aplicada e com pessoas com diagnóstico do espectro do autismo (TEA). O termo acompanhante terapêutico teve origem na Argentina, no final da década de 1960, mesma época em que algumas equipes profissionais de saúde mental criaram as comunidades terapêuticas, surgindo o papel do auxiliar psiquiátrico (Zamignani; Kovac; Vermes, 2007).

Os acompanhantes surgem em um momento histórico de muita importância do qual vale descrever, durante o movimento de luta antimanicomial, no mesmo período tanto nos EUA quanto na Europa, com o objetivo de desospitalização, desinstitucionalização e reinserção em sociedade daquele indivíduo em tratamento

psiquiátrico. O movimento histórico em questão, surgiu com o questionamento de áreas médicas e psicológicas sobre a compreensão biológica das doenças mentais e a função exercida no modelo de tratamento baseado em intervenções de longo prazo (Zamignani; Wielenska, 1999).

O movimento foi ganhando força e repercussão, o que enfraqueceu a modalidade de tratamento, promovendo um espaço de intervenção chamado "comunidade terapêutica" na América Latina, segundo Spinola e Dantas (2016). Nessa nova modalidade, os pacientes psiquiátricos podiam ter tratamento individualizado em hospitais ou em regime de internação de curta duração e, para atendê-los, um novo profissional precisou ser treinado, inicialmente chamado de amigo qualificado e auxiliar psiquiátrico e, mais recentemente, denominado acompanhante terapêutico (AT).

Os profissionais AT são diferentes de outros terapeutas tradicionais, pois passam mais tempo com os pacientes e tem como objetivo a intervenção visando reinserção do cliente em seu ambiente natural. No Brasil, esse processo se deu por questões políticas e sociais ligadas ao Regime Militar, instaurado em 1964, pois as comunidades terapêuticas foram fechadas e os serviços de acompanhamento terapêutico passaram a ser solicitados pelas famílias dos clientes (Spinola; Dantas, 2016).

Conforme o tempo foi passando, a profissão se tornou mais comum e necessária, pois cada modalidade de tratamento demandava uma carga horária dependendo de cada demanda e de cada cliente. O serviço começou a ser oferecido por recém-formados de cursos superiores, geralmente psiquiatras ou psicólogos, supervisionados por outros profissionais responsáveis (Zamignani; Wielenska, 1999). O serviço de AT geralmente é mediado por um responsável e indicado para extensão de tratamento interventivo para demandas específicas do cliente em seu ambiente natural, já que o profissional responsável encontra limitações para manejar contingências e obter resultados desejados em setting clínico (Spinola; Dantas, 2016).

É importante ressaltar que a profissão AT não é regulamentada por lei, já que não é necessária a atuação de um profissional formado ou de uma única área profissional. Também não tem uma exigência de formação, apesar de existir vários cursos em diversas abordagens para formação de ATs. Por serem geralmente estudantes de psicologia e psicólogos recém-formados, os ATs adotam o Código de Ética do Conselho Federal De Psicologia (CFP), onde não há nenhuma definição a

respeito da prática, e como não é descrito pode gerar conflitos com a atuação do profissional clínico (Spinola; Dantas, 2016).

A intervenção clínica, mais especificamente a psicoterapia, originou-se em outra abordagem teórica e propagou-se pelo mundo, tornando-se a modalidade mais conhecida de atendimento psicológico. Os analistas do comportamento adotaram a clínica como parte de sua atuação, segundo Leonardi, Borges e Cassas (2012). E, apesar de sua efetividade, há alguns tipos de casos (como os mais graves, clientes que não saem de casa, idosos e pessoas com desenvolvimento atípico) que não se adaptam ao atendimento em *setting* clínico. Para isso, métodos de intervenção mais específicos devem ser utilizados. O clínico pode realizar atividades extra consultório sem que seu trabalho seja caracterizado como o de acompanhante terapêutico, de acordo com cada demanda.

As habilidades do clínico e do AT são, em diversos aspectos, definidas como as mesmas, ambos necessitam de (a) noção de ética profissional; (b) conhecimento de conceitos teórico da AC (realizando avaliações funcionais); (c) treinamento em observação (observação de aspectos relevantes do caso); (d) treinamento em observação (observação de aspectos relevantes do caso); (e) possuir técnicas de entrevista (boa comunicação e fluência verbal para garantir coleta de dados satisfatória e formação de vínculo); (f) habilidades verbais e não verbais, para criar uma boa relação terapêutica (identificando circunstâncias que geram sentimentos no profissional; (g) capacidade de aplicação de técnicas (domínio no manejo de procedimentos aplicados; e (h) noções básicas de psicopatologia e psicofarmacologia, facilitando a interação com outros profissionais da saúde (Leonardi; Borges; Cassas, 2012).

De acordo com Leonardi, Borges e Cassas (2012), podemos destacar que a profissão de acompanhante terapêutico surge para suprir demandas do profissional da psicologia, uma vez que este precisava de um apoio para aplicação de estratégias em ambientes externos, clínicos e outros. A profissão surge a partir de demandas e com o tempo há cursos específicos e determinados para desenvolvimento da melhor qualidade do trabalho.

De acordo com os autores estudados, umas das possibilidades de atuação dos acompanhantes terapêuticos (AT) é junto às pessoas e crianças com Transtorno do Espectro do autismo (TEA).

O acompanhante terapêutico que atua com pessoas com diagnóstico do

espectro do autismo é umas das especializações em Psicologia e na Análise do Comportamento, bem como na Análise do Comportamento Aplicada, portanto, é um dos de escolha para pesquisa que será descrita.

2.2. Formação do profissional que atua com Análise do Comportamento Aplicada

Segundo a comissão de desenvolvimento atípico da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) no ano de 2020, lançou uma regulamentação sobre a formação do profissional que atua com Análise do Comportamento Aplicada, em especial voltada a Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, salientando que não há um único caminho de formação deste profissional, ou um curso específico que forme o profissional de forma completa. A formação do profissional é composta por uma série de conhecimentos e habilidades que envolvem formação teórica e prática sobre as melhores práticas de ensino para o TEA.

De acordo com a Lei Berenice Piana, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, de acordo com o parágrafo VII e VIII:

o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com Transtorno do Espectro Autista, bem como a pais e responsáveis; o estímulo à pesquisa científica, com prioridade para estudos epidemiológicos tendentes a dimensionar a magnitude e as características do problema relativo ao Transtorno do Espectro Autista no País (Brasil, 2012).

Porém, tais diretrizes ou outras regulamentações não apresentam normativas para a formação e a atuação do analista do comportamento com TEA. A Comissão de desenvolvimento atípico da ABPMC recomenda que os profissionais tenham formação mínima que abarque os seguintes conteúdos teórico práticos: conceitos básicos de AC; comportamento verbal; avaliação funcional; manejo de comportamento problema; procedimentos de ensino em Análise do Comportamento Aplicada; treino de aplicadores, cuidadores, professores etc.; avaliação inicial e contínua (técnicas de observação, registro, análise de dados e monitoramento de intervenção); prática supervisionada e discussão com pares (Guilhard *et al.*, 2020).

Segundo as autoras, atualmente no Brasil, há poucos cursos credenciados de pós-graduação *stricto sensu* em Análise do Comportamento. De acordo com a avaliação quadrienal da CAPES, divulgada em 2017, há apenas três programas de

mestrado acadêmico, oito de mestrado e doutorado acadêmico e um de mestrado profissional em todo o país. Em sua maioria de pós-graduação *latu sensu* (cursos de especialização) ou cursos livres (Guilhard *et al.*, 2020).

Destaca-se que há uma certificação internacional, indicada como Americana/Internacional (BCBA 3) disponível no mercado de formação. No entanto, essa certificação não é amplamente adotada no Brasil, pois requer uma série de parâmetros políticos, burocráticos e de regimento profissional que não se aplicam ainda à nossa realidade (Guilhard *et al.*, 2020).

A atuação do profissional da Análise do Comportamento Aplicada, em especial voltada a Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, é composta por diversos níveis de formação e profissionais como: analista do comportamento e supervisor, coordenador, aplicador (acompanhante terapêutico) que vão atuar em diferentes posições do atendimento (Guilhard *et al.*, 2020).

Em especial, destaca-se o comportamento de explicar nas áreas de atuação dos profissionais da psicologia e acompanhantes terapêuticos são fundamentais, pois é este comportamento que irá pautar toda sua atuação, portanto os profissionais desenvolvem este comportamento para falar com a comunidade de profissionais e clientes, pois a sua atuação está diretamente relacionada ao comportamento verbal aqui referido, assim tornando sua prática à analisar o comportamento de seus clientes, bem como desenvolver repertórios destes a partir de direcionamentos de acordo com sua explicação técnica. Logo, compreender o comportamento de explicar dos profissionais é algo de extrema importância.

2.3. Justificativa

O presente estudo contribui para a atuação do Analista do Comportamento frente ao comportamento verbal de acompanhante terapêutico, analisando quais as influências da formação de bases teóricas e a influência delas na prática do profissional na utilização de análise funcional. Tem por objetivo analisar o efeito das diferentes formações do profissional acompanhante terapêutico visando identificar o comportamento explicativo diante vídeos que contém cenas de comportamentos de crianças e de seus responsáveis.

Analisando quais contingências que instalaram e mantiveram o comportamento, e quais características são sociais e ou individuais. Para verificar

quais as influências da formação e da prática do profissional influenciam na qualidade de estratégias da utilização da análise funcional, para que assim possamos desenvolver estratégias para fortalecer o conhecimento e prática da Análise do Comportamento no Brasil. Para tal compreensão será utilizado o Método Reno, onde serão classificadas e avaliadas as respostas.

Destaca-se que a partir dos dados levantados sobre a explicação verbal de acompanhantes terapêuticas que atuam com Análise do Comportamento Aplicada e com crianças neurodivergentes, os participantes da pesquisa foram escolhidos, devido à alta demanda e o aumento de diagnóstico do Espectro de Autismo (TEA), de modo que houve uma urgência de profissionais de diversos perfis neste contexto.

A análise da pesquisa se deu sobre situação de comportamento de clientes, possibilitando a comparação da formação no discurso explicativo sobre uma situação de comportamento indesejado e manejo dos pais, para tal verificação nesse projeto serão avaliados os padrões de relatos verbais de dois grupos de ATs para examinar os padrões de verbalização, assim possibilitando uma análise da qualificação destes. Para analisar as respostas será utilizado o instrumento de análise do discurso, Método Reno.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Analisar o discurso explicativo de acompanhantes terapêuticos, com e sem formação em psicologia, sobre comportamento de crianças.

3.2. Objetivos específicos

Avaliar os componentes contingenciais que produziram os comportamentos verbais e classificá-los de acordo com o Método Reno;

Avaliar as diferenças e as semelhanças do comportamento explicativo de acompanhantes terapêuticos Psicólogos e acompanhantes terapêuticos com outras formações.

4. MÉTODO

4.1. Material

Conta-se como material, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), uma caneta para assiná-lo, computador notebook para preenchimento do questionário pré experimental de dados pessoais do participante, bem como apresentação do vídeo.

Também foi utilizada uma mesa e duas cadeiras. O notebook foi disposto na mesa entre o participante e a pesquisadora, de modo que fiquem de frente um para o outro, e um aparelho eletrônico para gravação da entrevista. Foram apresentados 2 vídeos¹ da plataforma Youtube, de duas crianças com desenvolvimento típico com faixa etária próxima entre 1 e 2 anos e quaisquer outras especificações e dados não são dados a respeito da criança ou família, as situações do são de crianças em lojas com seus responsáveis e elas apresentam comportamentos frente a brinquedos e itens. Sendo, o 1ª vídeo de uma criança pequena acompanhada pelos pais em uma loja de brinquedos, a criança observa os itens da vitrine e inicia os comportamentos de choro, os pais direcionam a criança para dentro da loja; e o 2ª vídeo, ocorre dentro de uma loja maior, com uma criança um pouco mais velha, acompanhada pela mãe e pelo pai, a criança apresenta comportamentos de choro e gritos, pois tenta pegar todos os objetos do local.

Para execução da pesquisa, é válido ressaltar que as normas de biossegurança foram vigentes e respeitadas. As gravações dos arquivos estão mantidas em arquivos digitais em sigilo por um período de 5 anos.

4.2. Participantes

Participaram do experimento 10 profissionais acompanhantes terapêuticos de ambos sexos, maiores de 18 anos, conforme a tabela 1. O convite foi feito de forma individual. Os profissionais escolhidos tiveram como critério para participação atuação ativa como acompanhante terapêutico, voltada para enfoque em análise de comportamento aplicada (ABA) com crianças e pessoas neuro diversas e sua

¹ Vídeo 1- <https://www.youtube.com/watch?v=ObfRoSNOvSs&t=1s>

² vídeo 2- <https://www.youtube.com/watch?v=VrwuqAmEvH0&t=330s>

formação profissional. A participação foi voluntária, sem nenhuma gratificação. Os critérios de exclusão dos participantes foram ser menor de dezoito (18) anos de idade, não atuar como acompanhante terapêutico, ser graduado por mais de 5 anos e caso o aluno se recusasse participar após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os participantes foram divididos em grupo A e grupo B denominados de acordo com sua formação, ou seja, o grupo A composto por pessoas com formação em psicologia e grupo B, pessoas com outras formações. Os participantes foram nomeados de acordo com o grupo, portanto, o grupo A foi designado em A1, A2, A3, A4, A5. Os participantes do grupo B, foram denominados B6, B7, B8, B9 e B10.

As sessões de coleta foram realizadas de forma individual. No Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, constava que a pesquisa poderia gerar desconforto e alterações emocionais ou comportamentais provocadas pela evocação reflexão sobre a prática profissional ou mesmo sobre histórico de situações. E que caso o participante se sentisse assim, a pesquisa seria interrompida imediatamente. Nenhum participante solicitou a saída da pesquisa. Como se tratou de pesquisa com seres humanos, antes da realização da pesquisa seu projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, CAAE 71606123000000021.

Tabela 1. Dados dos participantes

Grupo	Participante	Formação	Tempo atuação	Analista do Comportamento
Grupo A	A1	Psicologia	3 anos	Sim
	A2	Psicologia	4 anos	Sim
	A3	Psicologia	11 meses	Sim
	A4	Psicologia	3 anos	Sim
	A5	Psicologia	5 anos	Sim
Grupo B	B6	Pedagoga	3 anos	Não
	B7	Serviço social	11 meses	Não
	B8	Estudante psicologia	10 meses	Não
	B9	Estudante psicologia	2 anos e 3 meses	Não

B10	Estudante psicologia	4 anos	Sim
-----	-------------------------	--------	-----

4.3. Local de coleta

A coleta foi realizada no Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Federal, localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. No local foi disposto cadeiras e mesas, notebook, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), questionário pré experimental (Apêndice 3).

4.4. Procedimento

Para desenvolvimento da pesquisa, o participante estava localizado em uma sala em conjunto com a pesquisadora, dispostos apenas os itens para realização da pesquisa. A pesquisadora apresentou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o mesmo foi assinado pelo participante e assim dando sequência a pesquisa. Para continuidade foi entregue ao participante um questionário pré experimental, para preenchimento com a pesquisadora, assim as informações gerais foram colhidas.

A experimentadora sentou na lateral do entrevistado e mostrou as informações para realização do experimento, as instruções para início do experimento, lidas e apresentadas por meio de fichas: “Você vai assistir dois vídeos, após o primeiro vídeo você será direcionado a responder algumas perguntas, em seguida você assistirá o segundo vídeo e ao finalizar também responderá perguntas. Para dar início aperte o *play*”

A pesquisa consistiu em apresentar dois vídeos de situações problemas de comportamento de crianças em contextos diferentes. Será requisitado ao participante que explique a contingência e quais foram suas impressões sobre o caso. A pesquisadora esteve presente durante todo momento, gravando todo comportamento do sujeito, diante do estímulo antecedente vídeo, o participante foi conduzido após assistir os vídeos a perguntas realizadas pela pesquisadora de forma verbal.

As fichas de instruções estarão na ordem do experimento indicando os passos 1 e 2. Em que, 1) o participante deverá apertar *play* do vídeo 1 e irá assistir todo vídeo, o passo estará sendo guiado pela ficha de instrução, que indicará ao participante por escrito: aperte o *play* e assista o vídeo por completo.

Após assistir, o participante será direcionado pela pesquisadora a responder as perguntas (Apêndice 4), de modo que a primeira instrução será: “A partir de agora não há resposta certa ou errada, apenas explique o comportamento que você observou”. As perguntas serão: 1. Explique os comportamentos apresentados pela criança no vídeo; 2. Explique os comportamentos dos responsáveis no vídeo? 3. Explique a consequência que a criança obteve após os comportamentos emitidos?

Em seguida, a pessoa foi direcionada a assistir o segundo vídeo, após direcionada a responder as perguntas (Apêndice 4), o participante foi designado a responder as perguntas feitas pela pesquisadora de forma verbal: 1. Explique os comportamentos apresentados pela criança no vídeo; 2. Explique os comportamentos dos responsáveis no vídeo? 3. Explique a consequência que a criança obteve após os comportamentos emitida, após responder todas as perguntas o participante será liberado.

Após a coleta de dados, a pesquisadora categorizou as respostas emitidas pelo participante. As respostas foram classificadas e categorizadas conforme a emissão e padrões das verbalizações.

5. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com macrocategorias e grupos classificados a partir das verbalizações dos participantes. Estes foram separados pela pesquisadora a partir da forma que as respostas afetaram o comportamento da mesma. Assim, as categorias foram crianças por causalidade e por atuação profissional; a divisão destas se deu com base no Método Reno. Para desenvolvimento da análise também é necessário o estímulo antecedente, como o método descreve, além da autoanálise da pesquisadora.

Para a coleta de dados, foram dados como situação antecedente vídeos de crianças com seus responsáveis sendo, a) - vídeo 1- criança na faixa etária entre 1 e 2 anos de idade, acompanhada de seus responsáveis, andando em local público, observa brinquedos e apresenta comportamentos de se jogar no chão e solicitação de item, responsáveis iniciam comunicação verbal com criança e entram em loja com a mesma. b) - vídeo 2- criança de faixa etária entre 2 e 3 anos de idade, acompanhada de seus responsáveis em loja de departamento, apresenta comportamento de pegar itens da loja e responsáveis iniciam comportamento de troca de itens e retirada de itens até momento de saída, onde criança apresenta comportamento de se jogar no chão e tentativas de retornar à loja.

5.1. Categorização

A partir da análise dos dados coletados na pesquisa foram criadas e selecionadas duas macrocategorias pela pesquisadora com base nos impactos de emissões verbais e padrões verbais emitidos pelos diferentes grupos de pessoas.

1. Macrocategoria causal: Análise causa de emissão de respostas verbais que foram evocadas a partir do contexto ou eventos que envolviam o comportamento dos responsáveis com crianças ou mesmo da criança com o ambiente (local, itens, pessoas). Após a análise da categoria as verbalizações foram divididas em grupos:
 - a) Explicação mentalista: respostas verbais que explicam a causalidade de um comportamento de forma dualista e cartesiana, isto é, a explicação recorre a uma compreensão na qual corpo e mente, processos cognitivos, ou ainda construtos hipotéticos são instâncias distintas e separadas. Tal explicação

busca correlacionar eventos para outros aspectos além do comportamento, fazendo menção a condições internas fisiológicas, a entidades metafísicas ou a um agente interno iniciador, que funcionalmente não podem ser manipuladas.

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: explique o comportamento dos responsáveis diante do vídeo 2:

O participante B6 respondeu: *“eu vi a ansiedade dos pais, ele não ta querendo ir embora, tá tudo divertido para ele, ta tudo interessante, vi que os pais ficaram bem ansiosos de tirar ele dali, foi bem pela ansiedade dos pais que ele ficou alterado”*.

b) Explicação topografia: respostas verbais que descrevem a forma da resposta executada.

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: “Explique o comportamento da criança no vídeo 2”, o participante 4 respondeu da seguinte forma: *“A criança ele estava pegando bastante coisa nu dentro da loja, é também retirando a mão dá né, tentando se soltar do pai, escovou o cabelo né, quando ele ta irritado ele bateu nele mesmo, se jogou no chão, chorou, mas gritou que chorou, parece, gritou, bateu no pai também, retirou o braço do, retirou a mãozinha que o pai estava segurando nele, também tentou retornar várias vezes pra loja e quanto mais distante maior o comportamento acontecia, mais ele queria bater, mais ele tava tentando bater no pai”*.

c) Explicação Ambientalista: respostas verbais que buscam explicação em eventos externos, fazendo menção a hipóteses causais relacionadas a eventos.

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: explique o comportamento da criança no vídeo 1.

O participante B7 verbalizou: *“Ele teve um comportamento inadequado e o pai e a mãe reforçaram né, falaram não a princípio, mas acabaram reforçando”*.

d) Explicação de causas futuras: respostas verbais que direcionam explicações a causas futuras.

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: Explique as consequências que a criança obteve após os comportamentos diante do vídeo 1.

Participante B8 respondeu: *“vai conseguir o carrinho que ela queria e vai aumentar a frequência nos casos futuros, quer dizer a tendência é que aumente a frequência nos casos futuros”*.

2. Macrocategoria Intervenção: Atuação profissional, verbalizações que

mencionam ou explicam o repertório técnico dos participantes, também surgindo a partir de padrões de verbalizações que afetaram a pesquisadora. As verbalizações foram evocadas a partir de um contexto, onde ocorriam eventos que envolviam o comportamento dos responsáveis com crianças ou da criança com o ambiente (local, itens, pessoas).

- a) Concordar com intervenção feita: respostas verbais de afirmação ou que estejam de acordo com os comportamentos relacionadas a conduta dos cuidadores frente aos eventos

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: “O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo 2? ”

Participante A4 respondeu: *“Olha os pais incrivelmente manejaram bem, direcionaram a criança, o pai todo né, vamo sair vamo lá, vem aqui dá a mão”*.

- b) Discordar com intervenção: respostas verbais de desaprovação com os comportamentos relacionadas a conduta dos cuidadores frente aos eventos

Exemplo: a pesquisadora verbalizou: “explique o comportamento da criança”.

O participante G7 do grupo B, referente ao vídeo 2, verbalizou: *“um comportamento inadequado, ele queria algumas coisas, a mãe a princípio falou que ia dar alguma coisa para ele parar de chorar, que é errado”*.

- c) Propostas de intervenção: respostas verbais que explicam e descrevem possíveis hipóteses de estratégias de intervenção para mudança de comportamento das pessoas em análise no vídeo, em principal os responsáveis. As verbalizações trazem alternativas de condutas por meio termo técnico ou gerenciamento.

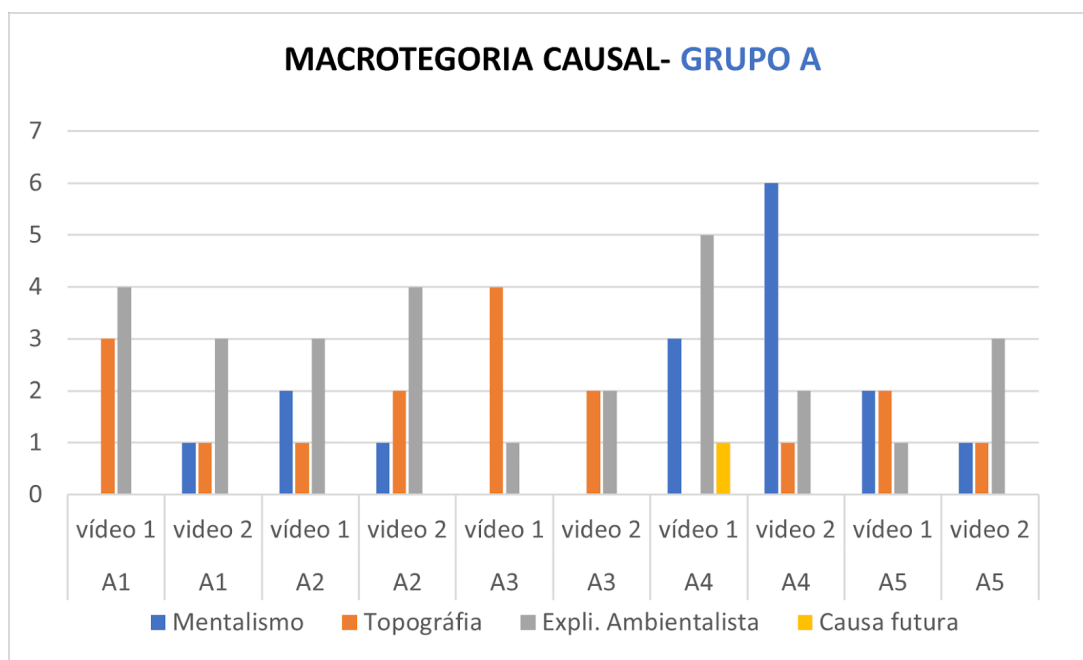
Exemplo: Pesquisadora: Explique os comportamentos dos responsáveis, o participante A1 do grupo A - vídeo 2 respondeu da seguinte forma: *“ai ao invés deles abaixarem na altura do Theo e tentarem conversar, eles só ficam vamo, só falavam, não bloquearam, não tentaram antecipar ele pegar outro item, simplesmente só ficava vamo Theo, vamo Theo, ai quando o Theo bate no pai fica dando atenção, fica falando não pode, mas falando bravo, talvez deveria esperar ele se acalmar um pouco, o Theo, para conversar com ele um pouco, o Theo. Os pais não queriam que ele voltasse mais, deixavam ele voltar para a loja, mas não conseguiam anteceder.”*

5.2. Resultado da coleta

5.2.1. Resultados de Macrocategoria Causal - Grupo A

Na macrocategoria causal do grupo A, a pesquisadora identificou 62 respostas verbais. Sendo que cada participante emitiu de zero a seis respostas dentro dessa categoria, sendo estas 16 respostas mentalistas, 17 respostas topográficas, 28 respostas de explicação ambientalista e uma resposta de causa futura nos vídeos 1 e vídeos 2, de acordo com a figura a seguir.

Figura 1. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria causal do grupo A.



Fonte: elaborada pela autora

O participante A1, de acordo com a figura 1, apresentou um total de 12 respostas categorizadas na macrocategoria causal. Destas emissões, apresentou zero resposta mentalista no vídeo 1 e emitiu uma verbalização no vídeo 2, quando questionado sobre a explicação do comportamento da criança. Em respostas topográficas apresentou três emissões verbais no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2, quanto a categoria explicações ambientalista o participante realizou quatro verbalizações no vídeo 1 e três respostas verbais no vídeo 2, portanto, nessa única subcategoria o participante respondeu com mesmo padrão verbalização, pois em

outras apresenta maior número de emissões no vídeo 1. Não emitiu respostas na categoria de causas futuras.

O participante A2 apresentou um total de 13 respostas categorizadas na macrocategoria causal. Destas respostas, uma resposta mentalista no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2; apresentou uma resposta verbal de topografia no vídeo 1 e duas respostas no vídeo 2; emitiu no vídeo 1 três respostas ambientalistas e quatro respostas no vídeo 2. Não emitiu respostas na categoria de causas futuras.

Destaca-se que as respostas verbais categorizadas como ambientalista da A2 são longas e também apresentam ambiguidade de classificação como quando solicitado para explicar o comportamento dos responsáveis no vídeo 1 :*“é, quando a criança tá fazendo birra, comportamento de birra, ta mostrando que está insatisfeita ou... Na verdade esse comportamento tanto pode ser pela frustração tanto pode ser um mando, uma forma de emitir um mando um pouco distorcida, mas também pode ser um mando porque ele tá pedindo um brinquedo por meio da birra”*. Esta verbalização poderia ser classificada como mentalista em alguns trechos, quando mencionado a frustração, por exemplo, porém, de acordo com o Método Reno, a classificação deve ser realizada considerando o impacto e os comportamento da verbalização no cientista/pesquisador, devido a isso esta foi classificada como ambientalista.

O participante A3 apresentou um total de nove verbalizações categorizadas na macrocategoria: não apresentando respostas mentalistas; no vídeo 1 demonstrou quatro respostas topográficas no vídeo 1 e duas respostas verbais no vídeo 2; apresentou também uma resposta ambientalista no vídeo 1, emitiu duas respostas no vídeo 2. Não apresentou respostas na categoria de causas futuras.

O participante A4 emitiu o total de 18 respostas, de acordo com a figura 1, categorizadas na macrocategoria causal. Destas, três respostas mentalistas no vídeo 1 e seis respostas no vídeo 2; quanto a categoria topografia não apresentou respostas no vídeo 1, demonstrou uma resposta verbal no vídeo 2; surgiu emissão de cinco respostas ambientalistas no vídeo 1 e duas respostas no vídeo 2; apresentou uma resposta de causas futuras no vídeo 1 e nenhuma resposta no vídeo 2.

De acordo com as respostas verbais do participante A4, há uma frequência maior de respostas mentalistas totalizando nove. Quanto às respostas ambientalistas do participante deve-se levar em consideração que a causalidade dos relatos estão direcionadas a termos da Análise do Comportamento e eles fazem menção ao

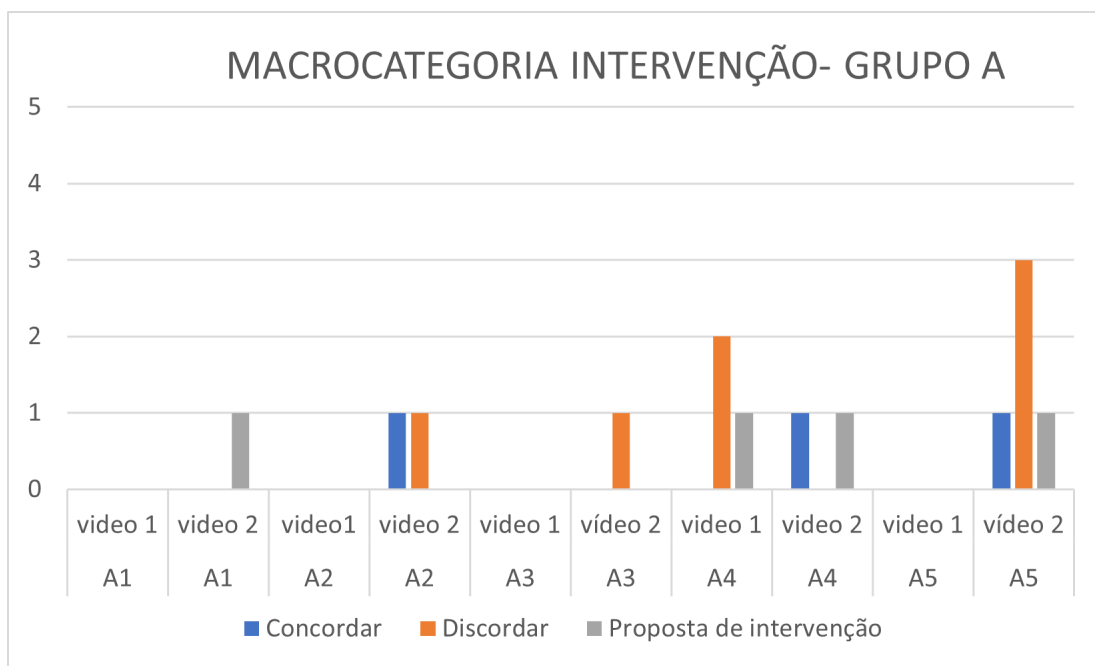
comportamento descrito, porém em muitas verbalizações não há correspondência entre a palavra ou frase e termo relacionado, ou seja, o participante está fazendo uso de palavras e termos da Análise do Comportamento, mas não há correspondência aos eventos descritos como causa. Como quando solicitado para explicar as consequências que a criança obteve após os comportamentos no vídeo 1: *“Após ele já entrar na loja conseguir o brinquedo ele cessa, então para ele foi reforçador ele ta bem, agora acabou não precisa mais chorar, já ganhou o que ele queria, e se eles falassem não provavelmente ele retornaria ao início que é chorar, jogar no chão e gritar. É o comportamento reforçado, para ele ta ok, tô bem”*.

Já o participante A5, de acordo com a figura 1, apresentou um total de 10 respostas categorizadas na macrocategoria causal. Desta forma, apresentou duas respostas verbais mentalistas no vídeo 1 e emitiu uma resposta verbal no vídeo 2; emitiu duas respostas verbais topográficas no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2; apresentou uma resposta no vídeo 1 apresentou, no vídeo 2 emitiu três respostas verbais. Não apresentou respostas na categoria de causas futuras. A5 apresentou o maior número de respostas verbais ambientalistas totalizando quatro respostas.

5.2.2. Resultados de Macrocategoria intervenção- Grupo A

Na macrocategoria intervenção do grupo A, a pesquisadora identificou total de 14 respostas verbais, sendo esta as subcategorias três respostas verbais em concordar com intervenção, sete respostas em discordar e quatro propostas de intervenção. Demonstrando uma baixa ocorrência verbal em toda a macrocategoria, de acordo com a figura a seguir.

Figura 2. Gráfico das respostas verbais classificadas na macrocategoria de intervenção do grupo A.



Fonte: elaborada pela autora

O participante A1 apresentou um total de uma verbalização para categorização na macrocategoria intervenção. Deste modo, diante de todas as categorizações do vídeo 1 o participante demonstrou zero resposta verbal. No vídeo 2, não apresentou respostas verbais de categoria concordar e discordar, emitiu uma resposta verbal de proposta de intervenção, de acordo com a figura 2.

O participante A2 demonstrou um total de duas verbalizações para categorização na macrocategoria intervenção. O participante não demonstrou verbalização nas categorias do vídeo 1. Apresentou uma resposta verbal de concordar com intervenção, como no trecho que explica sobre o comportamento dos responsáveis no vídeo 2: *“estão tentando modelar o comportamento do filho onde pode, onde não pode, dando até uma certa liberdade de explorar alguma coisa, mas alguma coisa não pode, até aí tudo bem, achei um comportamento que fosse reforçar algo inadequado”*. No mesmo vídeo, apresentou uma resposta de discordar da intervenção, porém não apresentou respostas referente à proposta de intervenção.

O participante A3 apresentou uma resposta verbal categorizada na macrocategoria. Destas, não apresentou padrões de verbalização das categorias no vídeo 1. No vídeo 2, apresentou uma verbalização em discordar quando solicitado para explicar os comportamentos dos responsáveis, em parte de sua verbalização: *“já quando ele estava para fora ele, a mãe continua gravando né, eles falavam*

bastante que a criança estava fazendo, praticamente anunciando a criança que aquilo era comportamento de birra". O participante A3 não apresentou nenhum outro padrão de verbalização em outras categorias analisadas, como de acordo com a figura 2.

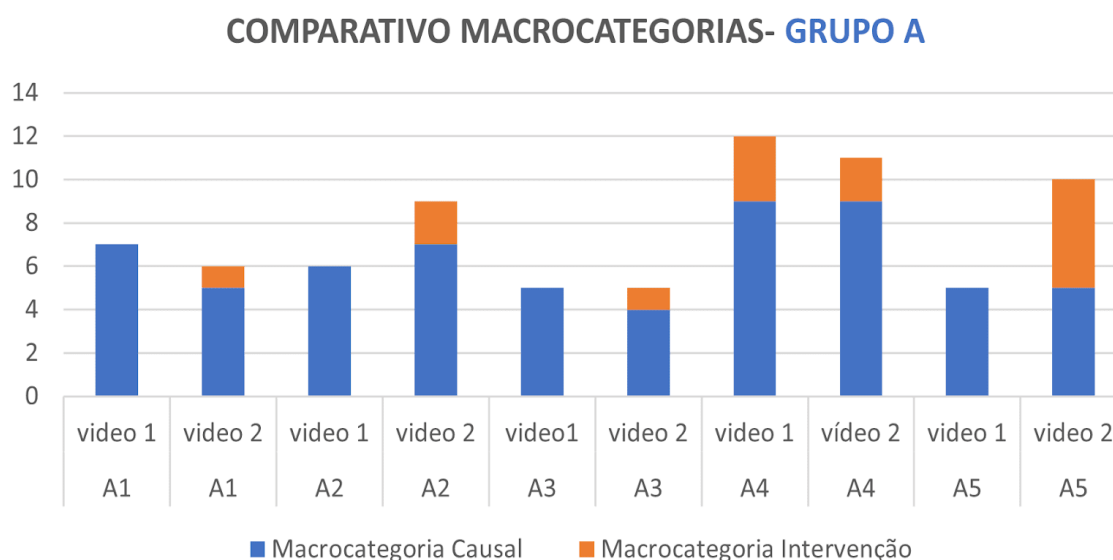
O participante A4 apresentou o total de quatro verbalizações na categorização na macrocategoria intervenção, portanto, em análise diante do vídeo 1, não demonstrou verbalizações de concordância, apresentou duas respostas verbais de discordar e uma proposta de intervenção. No vídeo 2, verbalizou uma resposta concordando, não apresentou respostas na categoria discordar e emitiu uma resposta de proposta de intervenção.

O participante A5 emitiu um total de cinco verbalizações na macrocategoria intervenção. A5 não apresentou padrões de verbalização das categorias no vídeo 1. No vídeo 2, realizou uma verbalização na categoria concordar, três emissões verbais discordando e uma proposta de intervenção.

5.2.3. Resultados comparativo de macrocategoria causal e macrocategoria intervenção - Grupo A

A pesquisadora identificou na macrocategoria um total de 76 respostas verbais em todas as categorias, sendo na macrocategoria causal 62 e 14 respostas na macrocategoria de intervenção. A maior frequência em categoria causal, destacando o fato de que em algumas situações de vídeo não há emissão de verbalizações de categoria de intervenções, em principal no vídeo 1, que não ocorre emissões em das 5 participantes no vídeo mencionado, de acordo com a figura 3 a seguir.

Figura 3. Gráfico comparativo de respostas verbais classificadas na macrocategoria causal e macro categoria intervenção do grupo A.



Fonte: elaborada pela autora

O participante A1 apresentou um total de 13 respostas no vídeo 1 e 2, na macrocategoria causal de 12 respostas verbais e na macrocategoria intervenção demonstrou uma resposta, de acordo com a figura 3.

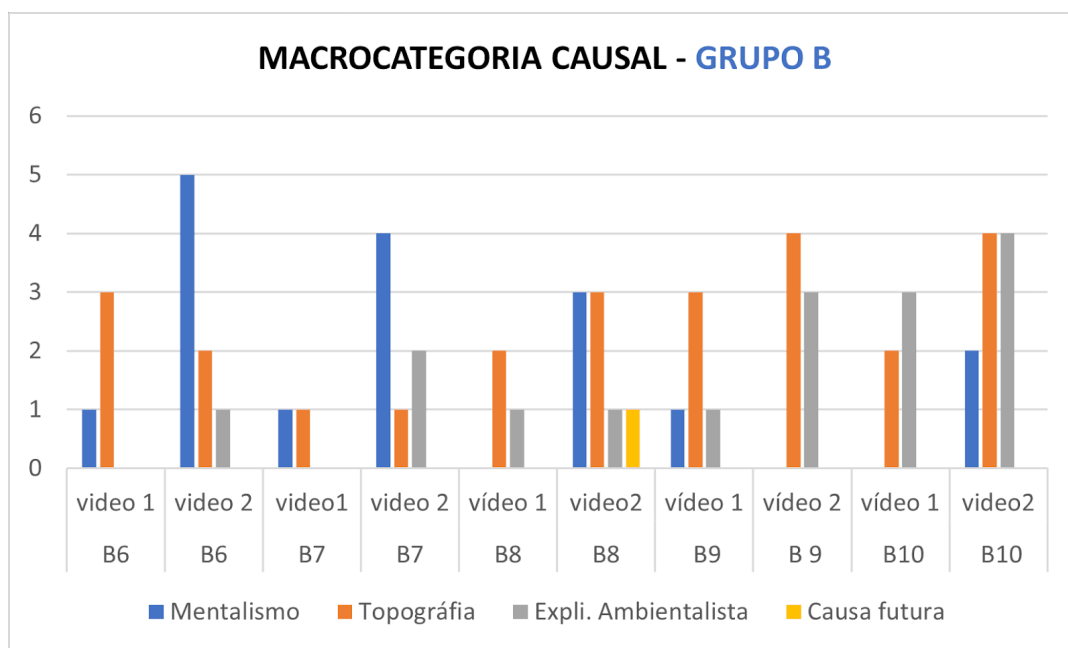
O participante A3 apresentou nove respostas na macrocategoria causal e uma resposta macrocategoria intervenção no vídeo 2. A participante A4 emitiu 18 respostas na macrocategoria causal e cinco respostas na categoria intervenção nos vídeos 1 e 2.

O participante A5 emitiu dez respostas verbais na macrocategoria causal e cinco respostas na macrocategoria intervenção no vídeo 2.

Os participantes emitiram maior frequência em respostas de padrões de macrocategoria causal e baixa emissões de macrocategoria de intervenções, de acordo com a figura 3.

5.2.4. Resultados de Macrocategoria Causal - Grupo B

Na macrocategoria causal do grupo B, a pesquisadora identificou total de 59 respostas verbais, sendo estas nas subcategorias: 17 em explicação mentalista, 25 em explicação topográfica, 16 em explicação ambientalista e uma em causas futuras. Portanto, apresenta uma baixa ocorrência verbal em toda a macrocategoria, de acordo com a figura 4, a seguir.

Figura 4. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria causal grupo B.

Fonte: elaborada pela autora.

O participante B6, de acordo com figura 4, apresentou um total de 12 verbalizações classificadas na macrocategoria causal. Destas, na categoria mentalismo sendo uma verbalização no vídeo 1 e cinco emissões verbais no vídeo 2. Apresentou três verbalizações topográficas no vídeo 1 e duas verbalizações no vídeo 2, em explicações ambientalistas apresentou uma resposta no vídeo 2 e não houve respostas referente a categoria causas futuras. Diante das respostas apresentadas pelo participante, nota-se um padrão de respostas mentalistas referente a emoções e sentimentos dos pais e da criança, como quando indagado sobre como explicar o comportamento dos pais, explica da seguinte forma, “*eu vi a ansiedade dos pais, ele não ta querendo ir embora, tá tudo divertido para ele, ta tudo interessante, vi que os pais ficaram bem ansiosos de tirar ele dali, foi bem pela ansiedade dos pais que ele ficou alterado*”.

O participante B7 apresentou o total de nove verbalizações na macrocategoria causal. Compondo na categoria mentalismo uma resposta no vídeo 1, apresentou quatro verbalizações no vídeo 2, em explicações topográficas apresentou uma resposta no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2, apresentou também duas respostas verbais de explicações ambientalistas e não houve explicações sobre causas futuras.

O participante B8, apresentou um total de 11 verbalizações na macrocategoria causal: três respostas mentalistas no vídeo 2, apresentou duas respostas topográficas no vídeo 1 e três respostas no vídeo 2, na categoria ambientalismo emitiu uma resposta no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2, apresentou uma resposta verbal em causas futuras, de acordo com a figura 4.

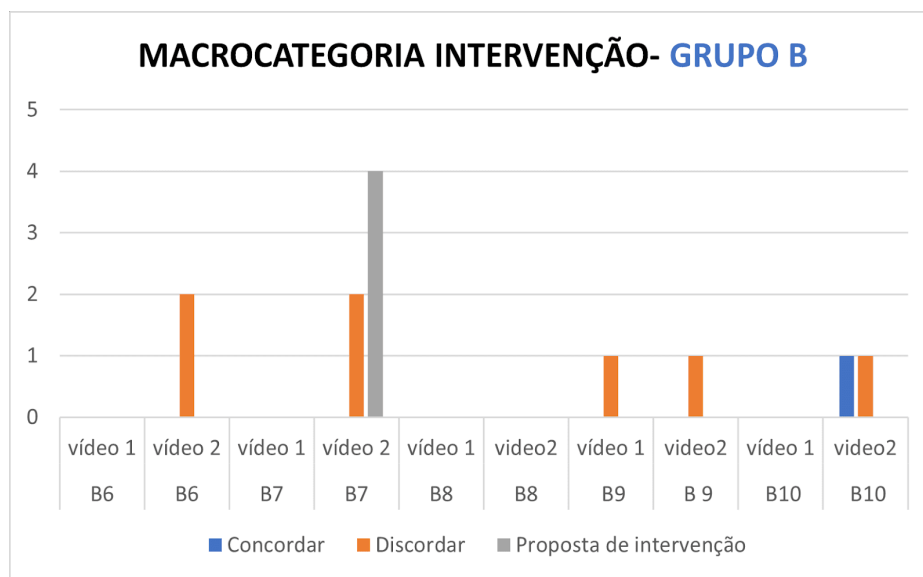
O participante B9, foi classificado de acordo com as respostas verbais: total de 12 verbalizações nas categorias. B9 não demonstrou verbalizações mentalistas, três verbalizações topográficas no vídeo 1 e quatro verbalizações no vídeo 2, na categoria ambientalismo apresentou três verbalizações no vídeo 1 e três verbalizações no vídeo 2 e não apresentou comportamento verbal de causa futura.

O participante B10, de acordo com a figura 4, apresentou 15 verbalizações classificadas de acordo com a macrocategoria causal. Sendo, duas respostas verbais mentalistas no vídeo 2, em explicações topográficas apresentou duas respostas no vídeo 1 e 4 respostas no vídeo 2, surgiram três respostas ambientalistas no referente ao vídeo 1 e no vídeo 2 apresentou quatro respostas, não apresentou respostas verbais referentes a causas futuras.

Também, o participante B10 apresenta uma alta frequência de comportamento verbal de topografia, bem como de explicações ambientalistas com uso de termos da análise do comportamento, que fazem referência ao comportamento observado, como na situação que foi solicitado que explicasse o comportamento da criança no vídeo 2 e verbaliza: *“a mãe para esquivar também do comportamento de ficar ali controlando ele, falou a não deixa ele pegou uma coisa e ficou com isso aí e então deixar ele pegar isso, mas parece que aumentou a frequência dele pegar várias outras coisa, e aí quando vai para sair do mercado, quando ele não tem mais acesso ao pegar as coisas aí ele começa apresentar choro”*.

5.2.5. Resultados de Macrocategoria Intervenção - Grupo B

Figura 5. Gráfico respostas verbais classificadas na macrocategoria intervenção do grupo B.



Fonte: elaborada pela autora

Na macrocategoria intervenção do grupo B, a pesquisadora identificou total de 12 respostas verbais, sendo uma na categoria concordar, sete respostas em discordar e quatro propostas de intervenção.

O participante B6 totalizou duas verbalizações na macrocategoria intervenção. Deste modo, não emitiu respostas verbais no vídeo 1 nas categorias investigadas pela pesquisadora. No vídeo 2, não apresentou verbalização em concordar, apresentou duas verbalizações na categoria discordar e não emitiu propostas de intervenção.

O participante B7 apresentou um total de seis verbalizações na macrocategoria. O B7 não apresentou respostas verbais no vídeo 1 nas categorias. No vídeo 2, não verbalizou concordância, apresentou duas emissões de discordar e verbalizou quatro propostas de intervenção.

Observa-se similaridade em respostas do vídeo 1 entre as duas participantes, em ausência de respostas de padrão verbais das categorias, porém a presença de discordância e propostas de interação, ressaltando o participante B7 que demonstrou verbalizações de propostas de intervenções com vocabulário e falas analíticos comportamentais, mas também duas respostas com comportamento agressivo e sem definição específica, como quando em início de observação do vídeo 1 o participante emitiu a resposta verbal: “*Esse é difícil hein, vamo dar um coro nele?*”.

O participante B8, apresentou um total de zero respostas em todas as categorias da macrocategoria intervenção, ou seja, não emitiu respostas verbais de acordo com a classificação da pesquisadora.

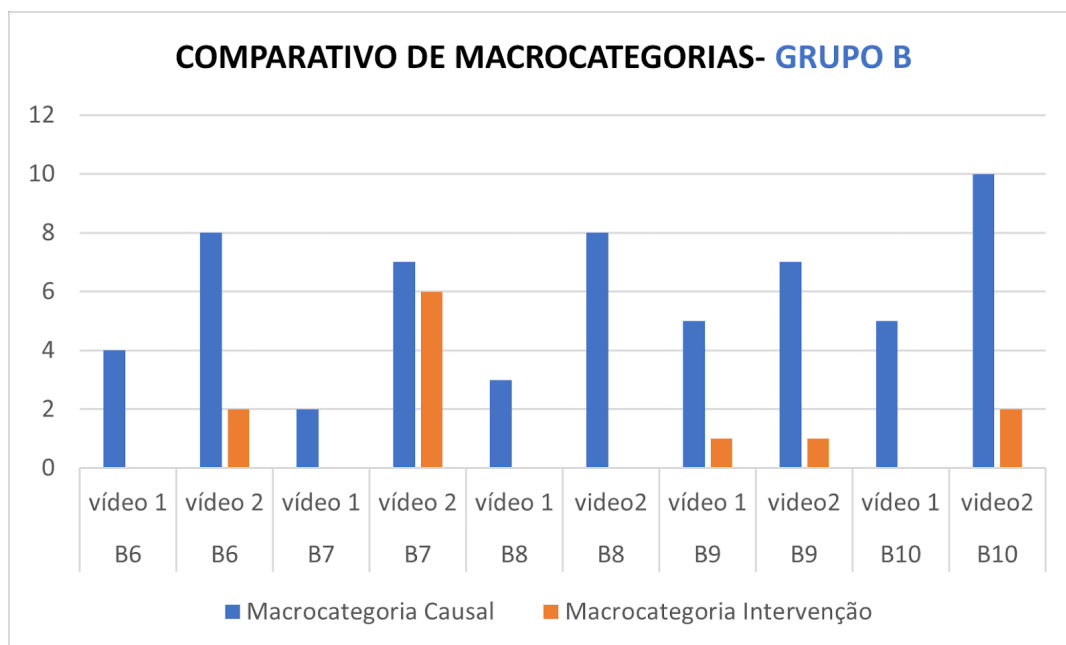
O participante B9 verbalizou um total de duas respostas na macrocategoria. Deste modo, apresentou uma resposta de discordar no vídeo 1 e emitiu uma resposta no vídeo 2 não apresentando outras respostas verbais nas categorias seguintes.

O participante B10 emitiu duas verbalizações na macrocategoria intervenção, sendo uma resposta verbal concordando com a intervenção no vídeo 2 e uma resposta verbal de discordar no vídeo 2, quando solicitado para explicar as consequências que a criança obteve após os comportamentos: *“então aumentou a frequência do comportamento agressivo para conquistar alguma coisa, lá no início como ele tava numa frequência de pegar várias coisas e aí ele conseguiu finalmente pegar uma coisa, então provavelmente ali pela, pelo esquema de reforçamento, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueava, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueava, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueou, aí ele pegou um pentezinho o pai deixou, a mãe e o pai deixou, então pode ter reforçado uma frequen... um esquema de reforçamento intermitente, é um crf 5 assim e aí depois corta para pegando várias outras coisas, e aí quando vai para sair do lugar ele já entra em extinção, então ele aumenta a intensidade da agressividade dele né, aí começa a chorar, jogar no chão, depois ele começa a escalonar pra bater no rosto do pai, então foi totalmente contracontrole.”* O participante não apresentou outras verbalizações de acordo com as classificações.

5.3. Comparativo de resultados da macrocategoria causal e macrocategoria intervenção do grupo B.

No comparativo das macrocategorias do grupo B, a pesquisadora identificou total de 71 respostas verbais, sendo 59 na macrocategoria causal, 12 respostas macrocategoria de intervenção de acordo com a figura 6, a seguir.

Figura 6. Gráfico comparativo de respostas verbais classificadas na macrocategoria causal e macrocategoria intervenção do grupo B.



Fonte: elaborada pela autora

O participante B6 apresentou na macrocategoria causal 12 verbalizações com classificações causais e duas verbalizações de categorias de intervenção, sendo o maior índice de vocalizações categorizadas no vídeo 2.

As verbalizações do participante B7 totalizaram nove verbalizações classificadas como causais e seis verbalizações de categoria intervenção. O participante também demonstrou maior emissão de respostas diante do vídeo 2, no qual apresenta os dois tipos de verbalizações classificadas, sendo o maior percentual em emissão em classes causais.

Portanto, neste comparativo, segundo a figura 6, os dois participantes demonstraram maior verbalização em comportamentos verbais diante do vídeo 2, porém apresentaram respostas de intervenção em todas as situações.

As verbalizações do participante B8 totalizaram 11 verbalizações, sendo todas categorizadas na macrocategoria causal: três verbalizações no vídeo 1 e oito verbalizações no vídeo 2.

O participante B9 apresentou 12 verbalizações na macrocategoria causal: cinco verbalizações diante do vídeo 1 e sete verbalizações no vídeo 2. Apresentou duas verbalizações na macrocategoria intervenção, compondo uma resposta no vídeo 1 e uma resposta no vídeo 2.

O participante B10 apresentou o total de 17 verbalizações, na macrocategoria causal emitiu 15 respostas verbais, cinco no vídeo 1 e dez no vídeo

2; apresentou duas respostas na macrocategoria de intervenção no vídeo 2, de acordo com a figura 6.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Essa pesquisa teve como objetivo analisar o discurso explicativo de acompanhantes terapêuticos sobre comportamento de crianças. Para isso, foi desenvolvida uma situação antecedente na qual os participantes da pesquisa assistiam dois vídeos de uma criança e seus responsáveis em situações do dia a dia. Os participantes assistiram de forma individual ao mesmo vídeo, após três perguntas realizadas pela pesquisadora de forma oral. Os grupos foram divididos para observação e para poder realizar um comparativo de respostas e análise da explicação, sendo divididos em grupo A, que era formado por psicólogos, e grupo B, formado profissionais com outras graduações.

Por conseguinte, após todas as entrevistas foi realizada a coleta e transcrição dados (Apêndice 5), para dar início a elaboração de categorias de acordo com os padrões comportamentais verbais presentes analisados pela pesquisadora. As respostas verbais foram verificadas e classificadas de forma individual por macrocategorias e por categorias, dessa forma, uma mesma pessoa pode ter verbalizações classificadas em mais de uma macrocategoria e diversas categorias.

Nesta pesquisa, o grupo A emitiu um total de 76 respostas verbais. Na macrocategoria causal, a prevalência de respostas foi na categoria explicação ambientalista, de antemão, observa-se que em todos os vídeos apresentados ocorreram verbalizações, no entanto, houve um padrão de aumento de frequência e de explicação no vídeo 2.

Os participantes A1 e A4 apresentaram queda na frequência de resposta de explicação ambientalista no vídeo 2. Tal comportamento identificado apresentou padrões comportamentais verbais em outras categorias causais, portanto as participantes apresentaram aumento de respostas mentalistas e topográficas. Ainda, os participantes A2, A3 e A5 apresentaram diminuição de comportamento verbal mentalista e topográfico do vídeo 1 em relação ao vídeo 2.

A categoria topografia apresentou frequência de respostas emitidas por todos os participantes, porém a frequência de emissões diante do vídeo 2 é maior que no vídeo 1. No entanto, diante do antecedente vídeo 1, os participantes emitiram mais respostas de categoria topografia, ocorrendo uma diminuição nessas emissões no vídeo 2, apesar de ainda estar presente. Na análise de respostas referente ao vídeo 1 - em que há emissões mais claras e simplistas do comportamento da criança -,

diferente do vídeo 2 - em que há mais elementos no ambiente do vídeo -, os participantes A1 e A3 apresentaram tais padrões de forma mais evidente.

Os padrões de respostas que merecem atenção são os da categoria mentalismo que surgem no Grupo A. Estas respostas apresentaram maior frequência no vídeo 2. No entanto, observa-se um fator antecedente: no vídeo 2 contém mais dados e falas da família com a criança, portanto, há um padrão em respostas de alguns participantes, como A2 e A4, cujas características das respostas ficaram voltadas à causalidade da vontade da criança, ou dos sentimentos dos cuidadores, como frustração, mencionada pelas participantes.

Em exemplo, na verbalização de A4 quando questionada pela pesquisadora, sobre as consequências que a criança obteve após os comportamentos: *“Ela provavelmente se sentiu frustrada porque num conseguiu o que queria é fica com a sensação ruim porque a queria brincar, queria mexer meus pais não deixaram, então vou me bater, vou bater no meu pai porque eu tô com um sentimento que eu não consigo lidar porque eu queria voltar”*.

Os participantes do grupo B emitiram 59 respostas verbais na macrocategoria causal. Houve maior frequência de resposta na categoria topografia, sendo que as respostas verbais dos participantes apresentaram aumento de frequência do vídeo 1 para o vídeo 2. Dos 5 participantes, apenas um apresentou diminuição da resposta topográfica no vídeo 2, B6. O padrão de resposta dos participantes, quando há menor quantidade de explicação ambientalista, não altera as topografias. Também, as respostas de explicação ambientalistas são mais descritivas e apresentam maior prevalência de respostas topográficas.

Acerca dos padrões de respostas da categoria mentalista, o grupo B demonstrou as respostas de forma mais consistente no vídeo 2, apresentando um padrão de aumento de frequência de respostas do vídeo 1 em comparação ao vídeo 2. Aponta-se que os participantes B6 e B7 apresentaram a maior emissão de respostas mentalistas em relação ao grupo.

Cabe mencionar que existe um fator de experiência prévia passível de comparação entre os grupos, há uma divergência de formação, pois os participantes do grupo B apresentam formação em outra área, sendo pedagogia e serviço social. E o grupo A, os participantes são graduados em psicologia, logo estes últimos tiveram acesso a conteúdo de Análise do Comportamento e a outros treinos ao longo da vida acadêmica. Deve-se levar em consideração que os participantes desse grupo são

estudantes de psicologia e, portanto, são mais treinados a descrever informações ao psicólogo responsável pelo caso.

Portanto, na macrocategoria causal há diferenças de respostas entre grupo A e grupo B, apesar da similaridade e da verbalização em todas as classificações da categoria. Na macrocategoria causal o grupo A apresentou prevalência em explicações ambientalistas, enquanto que no grupo B as respostas são prevalentemente topográficas.

A frequência dos comportamentos é pertinente em relação a formação dos profissionais, bem como o treinamento da pessoa, pois mesmo quando o grupo B também apresentou respostas ambientalistas, apresentaram padrões de verbalizações de descrever a contingência, correlacionando com os termos da Análise do Comportamento, enquanto que no grupo A surgiu o comportamento de termos analíticos comportamentais, com prevalência de observação de ambientes e de causalidade.

As verbalizações de explicação ambientalistas dos dois grupos apresentaram um padrão de verbalizações de termos analíticos comportamentais, como uso de palavras como (reforço, punição, mando... etc.). No entanto, houve presença de verbalizações ambíguas, ou mesmo sem correspondência com a explicação verbalizada.

Em exemplo, o participante A5, quando questionado pela pesquisadora, diante do vídeo 2 explicou o comportamento das consequências que a criança obteve após os comportamentos: *“Pelo que eu vi ele não ganhou nada né (risos), mesmo com a birra ele não ganhou nada, mas o que ele ganhou mesmo foi atenção dos pais mesmo, toda hora ali os pais estavam falando ai olha essa birra, não vamo embora, não pode, foi reforçando, reforçando. Eh foi isso que ele ganhou mesmo, atenção”*. Este dado deve levar em consideração o histórico de cada pessoa e sua formação e repertório analítico comportamental bem como a experiência, pois alguns estão em formação.

As explicações mencionadas caracterizadas como mentalistas surgiram nos dois grupos, com similaridade de frequência de respostas, porém há diferença entre os grupos, pois o grupo B apresentou aumento de respostas mentalistas no vídeo 1 e 2. Enquanto o grupo A, majoritariamente, apresentou diminuição de acordo com o padrão de respostas dos participantes, destaco que os participantes A1 e A4 não apresentam este mesmo padrão de diminuição e sim de aumento de respostas

mentalistas.

Entende-se que o histórico de cada pessoa pode implicar na frequência de respostas mentalistas, visto que as respostas do grupo A e B fizeram menção à vontade e sentimentos, porém os participantes não tinham acesso a histórico ou antecedentes das pessoas no vídeo.

Nas respostas verbais referentes a macrocategoria intervenção, o grupo A totalizou 14 respostas verbais, sendo que a categoria de maior prevalência foi a de discordar da intervenção.

Dentre as categorias da macrocategoria, a categoria concordar surgiu com menor frequência e está relacionada ao vídeo 2, nota-se os participantes A4 e A5 apresentaram o padrão comportamental de concordar, emitindo respostas de concordar e apresentando proposta de intervenção no mesmo vídeo. Percebe-se que os comportamentos ocorrem apenas no vídeo que tem maiores elementos apresentados. Ainda, o participante A4 foi o único que apresentou concordar de forma direta, quando questionado sobre o comportamento dos responsáveis diante do vídeo 2: *“olha os pais incrivelmente manejaram bem, direcionaram a criança, o pai todo né, vamo sair vamo lá, vem aqui dá a mão [...]”*.

Na categoria discordar da intervenção, observa-se que os participantes A5 apresentou a maior frequência de respostas no vídeo 2, em seguida o participante A4 demonstrou um número relevante de comportamentos de discordar, nota-se que há similaridade entre os participantes que apresentam o comportamento verbal apenas diante o vídeo 2.

O participante A1 emitiu resposta verbal isolada à proposta de intervenção sem correlação com outra categoria de intervenção, apenas com a categoria causal. Logo, as propostas de intervenção surgiram no vídeo 1 e 2, porém sua prevalência foi no vídeo 2, por participantes diferentes.

Destaca-se que o grupo A tem formação em psicologia, mas o participante A3 tem 11 meses de experiência como acompanhante terapêutica e sua resposta referente ao grupo apresenta menor frequência e comportamento de discordar, diferente do participante A1, que apresenta o comportamento verbal de intervir como mencionado acima.

Nesta macrocategoria, o grupo A apresenta similaridade de três participantes A1, A2, A3 e A5, que emitiram ausência de respostas verbais classificadas como intervenção no vídeo 1. Enfatizando que há possibilidade de o vídeo apresentar

anteriores e elementos diferentes do vídeo 2. Também, os participantes A4 e A5 foram os únicos participantes a verbalizarem em todas as classificações das categorias.

No grupo B, em comportamentos referentes à macrocategoria intervenção, os participantes apresentaram maior prevalência em discordar no vídeo 2, sendo que quatro dos cinco participantes verbalizam e apenas o participante B8 não emitiu respostas de discordar. Em destaque, o participante B9 emitiu tais respostas, mas manteve o padrão e a frequência no vídeo 1 e 2. O participante B10 demonstrou resposta de concordar e discordar da intervenção dos pais.

Portanto, fica evidente que os participantes estudantes de psicologia diferem das respostas dos participantes com outra graduação, pois as respostas dos participantes B8, B9 e B10 seguem um padrão verbal ou no mesmo vídeo ou no vídeo seguinte. Os participantes com outras formações apresentaram variação de padrão verbal, como o B6 que apresentou respostas de intervenção no vídeo 2, ou o participante B7 que demonstrou variação com respostas de diferentes.

O participante B7 apresentou um padrão que difere do comportamento verbal do grupo, como descrito acima. Na classe de intervenção, suas respostas foram propostas comportamentais dentro de padrões analíticos comportamentais - ou seja, explicando termos e correlacionando as propostas -. No entanto, também apresentou padrão verbal social cultural, com verbalizações punitivas, quando foi questionado pela pesquisadora para explicar as consequências que a criança obteve após os comportamentos: *“Não sei se eu consegui observar tudo. Eu ia dar um coro nesse Guri, só que ele deve ser autista né?!, anda na ponta do pé”*.

Portanto, na macrocategoria intervenção o grupo A e B apresentaram similaridade de frequência de respostas de discordância de intervenção no vídeo 2. No entanto o grupo A apresentou uma variação de propostas por participantes, nas quais apresentaram um padrão verbal de concordar ou discordar e, em seguida, apresentarem uma proposta de intervenção.

Como, por exemplo, o participante A1 que verbalizou: *“ai ao invés deles abaixarem na altura do Theo e tentarem conversar, eles só ficam vamo vamo, só falavam, não bloquearam, não tentaram antecipar ele pegar outro item, simplesmente só ficava vamo Theo, vamo Theo, ai quando o Theo bate no pai fica dando atenção, fica falando não pode, mas falando bravo, talvez deveria esperar ele se acalmar um pouco, o Theo, para conversar com ele um pouco, o Theo. Os pais não queriam que*

ele voltasse mais, deixavam ele voltar para a loja, mas não conseguiam anteceder”.

As respostas verbais de concordar de outros participantes diferiram nos grupos. No grupo B, apresentaram ausência de respostas nessa categoria, destaca-se que apenas a respostas do participante B10 estava condizente com concordar com a intervenção no vídeo 2. Enquanto que o grupo A, realizaram maior número de verbalizações, estas tinham padrões de causalidade e concordância dizendo que “*não era ruim*”, “*não prejudicaria*” e com outras falas de concordância.

Como em exemplo, o participante A2 explicou sobre o comportamento dos pais no vídeo 2: “*estão tentando modelar o comportamento do filho, onde pode onde não pode dando uma certa liberdade de explorar alguma coisa, mas alguma coisa não pode, até aí tudo bem achei um comportamento que fosse reforçar algo inadequado*”.

A única similaridade ocorreu entre o participante B10 e os participantes do grupo A. Os participantes se auto declaram analistas do comportamento e também as respostas de B10, de forma geral, apresentou tem alguns padrões com o grupo A.

As propostas de intervenções realizadas pelos grupos apresentaram padrões diferentes. No grupo A houve um maior número de propostas e ocorreu por diferentes participantes, enquanto que no grupo B apenas um participante realizou a proposta de intervenção. Como mencionado, os grupos apresentam diferença de formação e é possível notar que houve impactos no quesito intervenção nas respostas do grupo B, devido a essa questão.

A pesquisa permitiu verificar padrões de explicação nos diferentes grupos de profissionais psicólogos e profissionais com outras formações. Também a relação da explicação com a intervenção, bem como o fator do antecedente, como essenciais para a explicação do comportamento.

A partir dos dados analisados nas diferentes composições, pode-se afirmar que há variação dos padrões de explicar nos grupos, devido, também, a formação ou mesmo o treinamento específico, que tem impacto na explicação de acompanhantes terapêuticos.

Esses dados nos mostram que outros fatores também podem influenciar no comportamento verbal de explicar de um acompanhante terapêutico. Fica evidente, que a ausência de fatores antecedentes pode acarretar respostas mentalistas, bem como comportamentos verbais de topografia não são suficientes para aumentar comportamentos verbais de intervenção.

A cerca da macrocategoria causal, categoria mentalismo, pode-se dialogar com

estudos anteriormente realizados, como o de Leigland (1989), que contribuiu em seu experimento, considerando que quando é possível observar um controle de estímulos mais preciso, as respostas tendem a ser mais descritivas do que mentalistas.

E como a pesquisa de Marques (2019), cujos resultados concluíram que o conhecimento do contexto gerou um discurso que indica a relação entre variáveis comportamentais e ambientais, em detrimento de um discurso que atribui a causa do comportamento a variáveis não observáveis. Embora no estudo existem outras relações de antecedentes e variáveis, houve um resultado similar, quanto a apresentação de estímulos nas modificações de respostas mentalistas.

O experimento realizado e demonstrado nesta pesquisa demonstrou os dois dados destacados, quanto as respostas descritivas, classificadas como topográfica e as respostas mentalistas.

Esta pesquisa e as pesquisas relacionadas fortalecem a perspectiva de que conduzir tais análises é importante, uma vez que a investigação experimental do comportamento do cientista permite aprimorar a descrição da relação entre condições ambientais e discurso científico. De acordo com Guazi, Laurenti e Córdova (2021), explicitar variáveis é uma forma de explicar as explicações científicas.

Por conseguinte, sugere-se que a pesquisa seja replicada, ou mesmo realizada em outras condições, visto que havia uma quantidade de participantes limitada devido o Método Reno. Bem como uma análise mais detalhada dos participantes, quando alunos de graduação e graduados, visto que na pesquisa não houve essa ênfase específica.

Uma outra análise possível é analisar em conjunto com a observação do tempo de experiência e o impacto na explicação, pois na pesquisa há lacunas devido a quantidade de participantes com os mesmos parâmetros.

A pesquisa também apresentou o surgimento de um terceiro grupo entre os profissionais, os que se auto declaram analistas do comportamento, portanto sugere-se uma nova investigação com este grupo e os psicólogos.

Destaca-se que o antecedente deve ser um outro fator que pode ser mais explorado, com mais dados de situação ou pode possibilitar uma análise do comportamento mais completa, e também a exploração de outros temas para análise do repertório verbal do profissional. Como em exemplo, conduta ética, teórica e de experiência profissional, ou mesmo de fatores que foram observados na pesquisa, como a influência da causalidade nas respostas de intervenção.

Considera-se que o antecedente na pesquisa poderia ter mais informações para contribuir para as explicações dos participantes, como histórico da pessoa, síntese do caso ou situação, pois acabou influenciando em explicações hipotéticas e causais.

Destaca-se que o objetivo da pesquisa foi atingido, pois possibilitou realizar a análise verbal explicativa dos diferentes grupos de profissionais acompanhantes terapêuticos psicólogos e acompanhantes terapêuticos com outra formação.

A pesquisa trouxe contribuições de forma indireta para o comportamento verbal do psicólogo e Análise do Comportamento, do impacto do treinamento e da formação do profissional acompanhante terapêutico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. S. Luiz Marcellino de Oliveira: aprendendo e ensinando análise do comportamento. **Revista brasileira de análise de comportamento**, v.10, nº. 2, São Paulo, pp 97-100.2014
- AURELIANO.L; B. N. Operações estabelecedoras. In: **Clínica analítico comportamental: Aspectos teóricos e práticos**. ed.Porto Alegre: Artmed. 2012. p.32-39.
- BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.p.312.
- BORLOTI, E. *et al.* Análise comportamental do discurso: fundamentos e método. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v. 24, n. 1, p. 101-109, mar. 2008.
- BRASIL. **Lei nº 12.764/12, de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acessado em 29 de abril de 2023
- CATANIA, C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4 ed.Porto Alegre: Artmed. 1999. p.460.
- CARRARA, K. **O mito da síntese experimental do comportamento: reflexões a partir do Behaviorismo Radical e do Contextualismo pepperiano**. 2002.175 F. Tese (livre-docência em Psicologia da educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências. Unesp, Marília, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/116084>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.
- CHAVEIRO, M. M. R. de S. **Investigação do controle exercido pelos conceitos de explicação e descrição sobre a resposta verbal de estudantes**. 2014.Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande,2014.
- CHIESA, M. **Behaviorismo Radical: a Filosofia e a ciência**. Brasília, Distrito Fed.: Celeiro, 2006.
- COSTA, S; MARINHO, M. Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento. **Revista estudos de psicologia**. Campinas, v.19, N. 3, P 43-54.2002.
- CRUZ, N. R. História e historiografia da ciência: considerações para pesquisa teórica em análise de comportamento. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, Minas Gerais, 2006, v. 8, nº. 2, pp. 161- 178.
- DOUGHER, M. J. **A functional analysis of a behavior analyst's functional analysis**. The Analysis of Verbal Behavior, 7, 19-2, 1989.

HANNA, E.S; Todorov, J. C. Análise do comportamento no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2010, vol.26, n. especial, p.143-153.

HUBNER, C. M; Miguel, F. C; Michael, J. Controle múltiplo no comportamento verbal: humor Brasileiro e operantes relacionados. **Revista Brasileira de Análise do comportamento**. V. 1, p. 7-14. 2005.

HUNZIKER. M; SAMELO. M. Controle Aversivo. In: **clínica analítico comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed. 2012.p

LEIGLAND, S. A functional analysis of mentalistic terms in human observers. **The analysis of verbal behavior**, 7, p. 5-18, 1989.

LEONARD. J; BORGES; C. Avaliação funcional como ferramenta norteadora da prática clínica. In: **Clinica Analítico Comportamental: Aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed, 2012.p 105 -109.

GUILHARDI, C; COELHO, A; HORA, C. ; BAGAILOLO, L. ; SALES, T. ; ROMANO, C.; BORBA, M. (s. a) **A formação do profissional que trabalha com ABA (Análise do Comportamento Aplicada) e Transtorno do Espectro Autista no Brasil: Recomendações preliminares**. Associação Brasileira de Psicologia e Medicina comportamental. 2020. <https://abpmc.org.br>. Acesso em: 10 de Março de 2023.

GUAZI. T; LAURENT. C; CORDOVA. L. Análise do comportamento como uma psicologia da ciência. **Revista brasileira de análise do comportamento**. Vol. 17 N. 2 .196- 206. 2021

MARQUES, K. S. **Efeito da exposição ao contexto da agressão sobre o discurso explicativo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

MATOS, M. A. Contingências para análise comportamental no Brasil: Fred S. Keller. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol.2, 107-111.1996.

MOORE, J. Uma comparação de práticas explanatórias do mentalismo e da análise do comportamento. **Revista brasileira de Análise do comportamento**. Vol.13, nº2, 74- 80.2017

MOXLEY, R. A. SKINNER: From essentialist to selectionist meaning. **Behavior and Philosophy**. Vol. 25, Nº. 2.1997

MOXLEY, R. A. The two Skinners, modern and postmodern. **Behavior and Philosophy**, 27. 97-125. 1999.

NENO, S. Análise Funcional: Definição e Aplicação na Terapia Analítico-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. Pará, n. 2, 151-165. 2003.

PASSOS. **A análise funcional do comportamento verbal em verbal Behavior** (1957) de B.f. Skinner, v.2. p.195-213.2003.

PAZ FILHO, A. M. **Efeitos da exposição a diferentes fragmentos teóricos sobre o responder verbal explicativo**. 2015.Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

PESSOA, B; VELASCO. S. Comportamento operant. In: Nicodemos batista Borges...[et al.]. **Clínica analítico comportamental. Aspectos teóricos e práticos**. Porto alegre: Artmed, , 2012.p 24-31.

SKINNER, B.F. The phylogeny and ontogeny of behavior. Science, 153, 1204-1213.1966 SKINNER, B. F. **Comportamento verbal**. São Paulo, São Paulo.: Cultrix, 1978.

SKINNER, B.F. **The behavior of organisms**. Acton: Copley Publishing Group.1991(trabalho original publicado em 1938).

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo, SP: Cultrix, 2006. 216p. (Trabalho original publicado em 1974).

SPINOLA, M.F; Dantas, M. A definição do papel do Acompanhante Terapêutico. **Boletim paradigma**. São Paulo, vol 11. Agosto 2016.

TODOROV, J. C. Behavior analysis in Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**.Vol 24, 29-36. 2006.

TOURINHO, E. Z. A produção de conhecimento em psicologia: a análise do comportamento.**Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 2, p. 30–41, 2003.

TOURINHO, E.Z. Behaviorismo Radical, Representacionismo e Pragmatismo. **Temas em Psicologia**. v. 2, (p. 41-56). 1996.

TOURINHO, E. Z.Organização e representação da comunidade científica em análise do comportamento no Brasil. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, Pará, 2006, v. 8, nº. 2, pp. 232 -236.

XAVIER, G. **Efeito de audiências de diferentes níveis hierárquicos sobre a auto-edição do discurso explicativo de psicólogos organizacionais**. 2016.Dissertação de mestrado (mestrado em Psicologia)- Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

XAVIER, G.*et al.*. **Método Reno: uma proposta para análise comportamental do discurso**. Revista perspectivas em análise do comportamento. 2017. Campo Grande, Vol 8. N.1. PP 120-134.

ZAMIGNANI, D. R; BANACO.R.A; WILIESKA, R.C.O Mundo como setting clínico do analista do comportamento. In: **Clínica de portas abertas**. Paradigma: Santo André. 2007.

ZAMIGNANI, D. R; WIELENSKA, R. C.. Redefinindo o Papel do Acompanhante Terapêutico. R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.). **Sobre Comportamento e**

Cognição 1ª ed.vol.4. Santo André: Arbytes.1999.p. 157-165.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar dessa pesquisa, você está sendo convidado (a) a participar dessa pesquisa desenvolvida pelos pesquisadores Fernanda Gomes de Souza e Lucas Ferraz Córdova, respectivamente, aluna e professor-orientador da pós-graduação do mestrado em Psicologia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

O objetivo central do estudo é analisar o efeito da qualificação no discurso do Acompanhante terapêutico. O convite para a sua participação se deve ao fato de você ser acompanhante terapêutico.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

É válido ressaltar que a pesquisa não tem caráter diagnóstico, e que não existem respostas certas ou erradas. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro em duas entrevistas à pesquisadora do projeto. É importante esclarecer que a entrevista será gravada, a tornando indispensável, portanto, somente será gravada se houver a sua autorização. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 20 minutos. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente os pesquisadores terão acesso às mesmas.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS no 466/2012.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é de contribuição para psicologia e desenvolvimento da Análise do comportamento. A pesquisa pode causar conflitos e desconfortos sobre as observações ou mesmo durante a entrevista. Em caso de gastos decorrentes de sua participação na pesquisa, você (e seu acompanhante, se houver) será ressarcido. Em caso de eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa, você será indenizado, a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, de acordo com a resolução 466/2012 II.7.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese. Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e no formato de dissertação/tese. Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com a pesquisadora Responsável através do e-mail fernanda--souza@hotmail.com, do telefone (67) 999663-2726, ou por meio do endereço Av. Costa e Silva, s/n, Mestrado em Psicologia - PPGPSICO - UFMS.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Prezado participante [] marque esta opção se você concorda que durante sua

participação na pesquisa seja realizada gravação.

Pesquisadora

_____, _____ de _____ de

local e data

Participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

local e data

APÊNDICE 2 – TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA

Tabela 1- Classificação do grupo de pesquisa

GRUPOS	PARTICIPANTES
Grupo A- Psicólogos	Participante A 1
	Participante A2
	Participante A3
	Participante A4
	Participante A5
Grupo B- Outra graduação completa	Participante B6
	Participante B7
	Participante B8
	Participante B9
	Participante B10

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO INICIAL (PRÉ-EXPERIMENTAL)**Dados pessoais**

Gênero: _____

Idade: _____

Cidade: _____

Estado: _____

Formação:

Ensino Superior: () Completo () incompleto

Graduação:

Data de início e término _____

Universidade: _____

Pós-graduação: () Completo () incompleto Qual? _____

Data de Início e término: _____

Pós-graduação: () Completo () incompleto

Qual _____

Data de Início e término _____

Cursos de capacitação na área:

Desenvolve um trabalho pautado na Análise do Comportamento?

Qual sua função: _____

Quanto tempo? _____

Quando teve o primeiro contato com a análise do comportamento?

Atua como Analista do comportamento?

Sim () Não ()

porquê? _____

1- Qual abordagem se identifica mais no campo da atuação?

Atuação

1- Você atua como acompanhante terapêutico sim () não ();

Público () Privado () há quanto tempo?

2- Atua com qual público? _____

carga horária de trabalho _____;

carga horária de atendimentos: _____

Tem supervisor? _____

Qual a formação do supervisor?

Qual a frequência de supervisão?

O local fornece cursos de aperfeiçoamento? _____

que tipo? _____

qual a frequência? _____

APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO RELACIONADO AO VÍDEO 1 E 2

- 1- Explique os comportamentos apresentados pela criança no vídeo;
- 2- Explique os comportamentos dos responsáveis no vídeo?
- 3- Explique a consequência que a criança obteve após os comportamentos emitidos?

APÊNDICE 5 – TRANSCRIÇÃO DE COLETA DE DADOS

Vídeo 1: Vídeo do Joaquim

Vídeo 2: Vídeo do Theo

Legenda de categorias:

Macrocategoria 1: Mentalismo na cor **vermelho**

Macrocategoria 2: topografia cor **rosa**, termos técnicos- **verde**; Direcionamento **roxo**;

Validação - **azul**; Proposta de intervenção- **laranja**.

Quando houver duas macrocategorias em uma verbalização a macrocategoria 1 estará na cor indicada em letras coloridas e a segunda macrocategoria em sublinhado na cor indicada de cada categoria.

5.1. Participante A1 – Grupo A

Dados demográficos		
Participante A1- Grupo A Mulher Idade: 26 anos	Acompanhante terapêutica Tempo de atuação: 3 anos	Formação: Psicóloga Pós Graduação: Completa em Neuropsicologia; Terapia ABA TEA e DI; Incompleta- Neuropsicologia aplicada ao TEA Cursos: Terapia ABA, Avaliação;
Atua como analista do comportamento? Sim, tem que analisar os contextos, verificando os antecedentes.	Carga horária de trabalho: 10 h	frequência de supervisão: atualmente 1 x na semana, antes 1 x ao mês.

Vídeo 1

Pesquisadora: Como você explica o comportamento da criança no vídeo?

Participante: **que ele parou e viu o carrinho e ele chorou com intuito de comunicar que queria o carrinho, mas aí eu escuto os pais falarem que ele já tem o carrinho aí ele continua a chorar, aí ele chora, chora até o pai levar ele lá para dentro da loja, aí conseguiu o carrinho. Aí quando ele vê o carrinho dentro da loja ele para de chorar.**

Pesquisadora: E o que você explica do comportamento dos responsáveis no vídeo?

Participante: **eles reforçaram o choro do Joaquim, talvez não era nem um choro, parecia um grito, um resmungo né?! Não dava para saber se estava chorando realmente, mas eles falavam muito, davam muito atenção, a você já tem, o que você quer, você quer o carrinho, você já tem. Mesmo falando que eles já tinham, eles foram lá e reforçaram o comportamento dele de chorar, de birra.**

Pesquisadora: Explica para mim a consequência que a criança obteve após o comportamento?

Participante: **o pai pegou ele e levou para dentro da loja para ele pegar o carrinho, escolher o carrinho, ele recebeu a atenção que ele queria e pelo visto recebeu o carinho.**

Vídeo 2

Pesquisadora: Como você explica o comportamento da criança no vídeo?

Participante: **ele, parecia que ele queria explorar o ambiente, tinha vários estímulos diferentes provavelmente coisas que não era tão cotidiana dele, talvez ele não use, não explore, e o que ele tava curioso, querendo explorar o ambiente assim, nesse início assim, aí mas o choro era consequência da mãe tentar tirar ele da loja, mas no início ele estava querendo explorar o ambiente mesmo.**

Pesquisadora: Explica os comportamentos dos responsáveis

Participante: **No início eles deixaram ele explorar o ambiente, só que aí depois acharam ruim quando ele não queria mais sair da loja, aí ao invés deles abaixarem na altura do Theo e tentarem conversar, eles só ficam vamo vamo, só falavam, não bloquearam, não tentaram antecipar ele pegar outro item, simplesmente só ficava vamo theo, vamo theo, aí quando o theo bate no pai fica dando atenção, fica falando**

não pode, mas falando bravo, talvez deveria esperar ele se acalmar um pouco, o theo, para conversar com ele um pouco, o Theo. Os pais não queriam que ele voltasse mais, deixavam ele voltar para a loja, mas não conseguiam anteceder.

Pesquisadora: Explica a consequência que a criança obteve após os comportamentos?

Participante: No início eles deixam voltar, mas acho que o vídeo é editado, acho que ele voltou né? para poder manipular, para ficar tocando nos outros objetos e mesmo assim acho que no final conseguiram tirar o Theo da loja e não deram nada para ele **acho que ele não foi reforçado com item**, mas **de certa forma foi reforçado com atenção** porque os pais ficavam toda hora falando com ele, essa também é uma forma de reforço e também da duração desse comportamento dele, **do Theo se jogar no chão, de resmungar, gritar, de bater**

5.2. Participante A2 – Grupo A

Dados demográficos		
Participante A2 - Grupo A Mulher Idade: 41 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 4 anos	Formação: Psicóloga Pós Graduação: Incompleta, Análise do comportamento aplicada a TEA e DI Cursos: Terapia Aba; comunicação alternativa; Princípios básicos; Neuro desenvolvimento; Inclusão e inclusão escolar.
Atua como analista de comportamento? Sim, usa princípios básicos da AC para desenvolver o trabalho, usa tanto como AT como Psicoterapeuta.	Carga horária de trabalho: 3 h	Frequência de supervisão: semanal ou trimestral;

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: ela teve um comportamento de birra porque ela se frustrou, ela queria pegar o brinquedo e não teve alcance, ela se frustrou, ela teve um comportamento de birra. Da criança né? Ela teve um comportamento de birra por frustração.

Pesquisadora: O que você explica do comportamento dos responsáveis no vídeo?

Participante: é, quando a criança tá fazendo birra, comportamento de birra, tá mostrando que está insatisfeita ou... Na verdade esse comportamento tanto pode ser pela frustração tanto pode ser um mando, uma forma de emitir um mando um pouco distorcida, mas também pode ser um mando porque ele tá pedindo um brinquedo por meio da birra, quando o pai fala não, ele se joga. Referente ao comportamento dos pais no primeiro momento é eles falam não, mas a intenção não é falar não, na verdade, é eles estão mais achando engraçado o que pode ser ou reforço social para que a criança continue fazendo aquele comportamento. No final eles levam a criança para dentro da loja, para mim é o que mais eles reforçam a birra da criança porque quando ela está no auge da birra eles levam para dentro aí dão acesso ao brinquedo.

Pesquisadora: Explique a consequência que a criança obteve após o comportamento?

Participante: ah ela ganhou o brinquedo que seria o reforçador, o tangível dela.

Vídeo 2

Pesquisadora: Explique o comportamento da criança no vídeo:

Participante: o primeiro comportamento da criança foi explorar, foi um comportamento natural da idade para ele não tem diferença, diferença do que é perigoso o que não é o que quebra o que não quebra, para ele tudo é brinquedo, ele está explorando o ambiente procurando brinquedo, estímulos reforçadores ou estímulos que ele possa brincar, que para mim é natural. Depois da criança, criança né? Ele mostra uma frustração por não ser autorizado a voltar a loja depois do não um comportamento agressivo quando fala que ele está fazendo birra, Né? Quando o pai pega no colo, o comportamento de agressão física. Dos pais né?

Pesquisadora: Isso explica o comportamento dos pais no vídeo?

Participante: Estão tentando modelar o comportamento do filho onde pode, onde não pode, dando até uma certa liberdade de explorar alguma coisa, mas alguma coisa não pode, até aí tudo bem, achei um comportamento que fosse reforçar algo inadequado. No final quando eles saem da loja que falam da loja que falam não né, parece que se volta todo mundo para aquela criança e aquela atenção, pode vir um reforço ao comportamento de birra, todo mundo se voltou para a criança, todo mundo falando dele, aí o pai pega no colo né, é isso pode ser um reforçador ao comportamento de birra, quando ele tenta agredir eles corrigem e chamam atenção ao que parece ser uma punição, mas que não vejo como algo prejudicial a criança, mas também não vejo como eficaz porque não modelou o comportamento dela.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: No primeiro momento ela teve acesso a um item no explorar, no pegar um monte de coisa, o que reforça o comportamento de explorar materiais, no segundo momento quando ela começou a birra ela teve atenção todo mundo se voltou para ela.

5.3. Participante A3 – Grupo A

Dados demográficos		
Participante A 3 - Grupo A Mulher Idade: 41 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 4 anos	Formação: Psicóloga Pós Graduação: Incompleta, Análise do Comportamento Aplicada a TEA e DI Cursos: Terapia Aba; comunicação alternativa; Princípios básicos; Neuro desenvolvimento; Inclusão e inclusão escolar.

Atua como analista de comportamento? Sim, usa princípios básicos da AC para desenvolver o trabalho, usa tanto como AT como Psicoterapeuta.	Carga horária de trabalho: 3 h	Frequência de supervisão: semanal ou trimestral;
---	---------------------------------------	---

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Os comportamentos assim, ele chorou, se jogou no chão, ele olhou para a mãe, olhou para o pai, se levantou novamente, se jogou no chão é.. ele retirou a mão também quando o pai tentou pegar ele na hora.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Primeiro eles estavam rindo, gravando, conversando com ele enquanto ele estava chorando né, falando esse ele já tem, tentando falar que ele já tinha, iii, deixa eu ver né! Pegou na mão ne, direcionou de uma forma forçada no começo i levou direto ao brinquedo também ai levou ele para dentro da loja. Deixa eu pensar o que mais. É o rindo foi o que mais pegou para mim (risos) ! A mãe brigou com ele também que ele estava se jogando no chão, então falou que ele estava ficando sujo, aumentou o tom de voz também. É isso!

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Ah ele conseguiu né! Foi obtenção de item, então ele chorou e conseguiu o que ele queria por conta do choro, é assim que eu entendo. Chorou e parou de chorar quando chegou perto do brinquedo.

Vídeo 2

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: A criança ele estava pegando bastante coisa nu dentro da loja, é também retirando a mão dá né, tentando se soltar do pai, escovou o cabelo né, quando ele ta irritado ele bateu nele mesmo, se jogou no chão, chorou, mas gritou que chorou,

parece, gritou, bateu no pai também, retirou o braço do, retirou a mãozinha que o pai estava segurando nele, também tentou retornar várias vezes pra loja e quanto mais distante maior o comportamento acontecia, mais ele queria bater, mais ele tava tentando bater no pai.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: É, primeiro eles deixavam a criança pegar alguma coisa depois não deixavam, e também estavam tentando direcionar ele para fora da loja, aí a criança continuava pegando as coisas e eles anunciando que iam embora, iii já lá fora em alguns momentos o pai tentava bloquear né a volta da criança, a entrada para ele não pegar as coisas, e bloqueava com o corpinho dele mesmo, já quando ele estava para fora ele, a mãe continua gravando né, eles falavam bastante que a criança estava fazendo, praticamente anunciando a criança que aquilo era comportamento de birra, então o pai pegou no colo né, voltou com a mão para eles irem para o carro, é então levou a criança no colo pro carro, falava para ele que não podia bater, e também sempre falava que ele estava com comportamento de birra ele e a mãe.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Ela não teve né o acesso ao item, o comportamento de pegar muitas coisas foi reforçado, porque parece que ele ficou muito tempo ali dentro da loja, mas ah o comportamento de pegar ele não teve os pais bloquearam, não sei qual foi a consequência, foi ele não ter, apesar dele gritando e ta chorando, apesar dele estar batendo ele não voltou à loja.

5.4. Participante A4 – Grupo A

Dados demográficos		
Participante A 4 - Grupo A Mulher Idade: 25 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 11 meses	Formação: Psicóloga Pós Graduação: Completa- Análise do comportamento TEA Incompleta, ABA

		Cursos: Orientação parental; Avaliação VB mapp.
Atua como analista de comportamento? Sim, é a base teórica que utiliza os dados que registro e manejo de comportamento.	Carga horária de trabalho: 15 h	Frequência de supervisão: 15 dias

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Para mim, ao meu ver, vou dizer assim, **que é um comportamento** que ele já aprendeu e ele sabe que ele fazendo isso não é birra é algo que para ele já é reforçado e no final a gente vê que o pai reforça. Então **é uma forma dele evocar que os pais né cumpram com aquilo que ele quer, ah eu quero carrinho eu vou chorar eu vou gritar, eu vou entrar nesse comportamento e meus pais me darem o que quero, às vezes não me dão, mas eu vou fazer até me darem, é mais uma desregulação dele, é um neném só gente e já aprendeu um processo (risos) bem bem complicado, e é reforçado pelos pais. A gente pode chamar isso de crise, crises dentro daquilo, ele para de chorar quando ele entra e pega o brinquedo i pronto acabou.**

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Enquanto um... Ele ri ele. **A forma também dele né! tá ali reforçando porque se tá rindo, tá reforçando e a criança continua, e a mãe brava, e nem um deles vai acolhe a criança, explica né, separa essa brincadeira do momento sério i a mãe fica muito brava, mas no fim ela cede também. Então para a criança parar ela vai ceder o pai também os dois sempre brincando. Vou dizer que para eles é normal, ver essa situação **aí a criança só aceita com reforço.****

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: **Após ele já entrar na loja conseguir o brinquedo ele cessa, então para ele foi reforçador ele ta bem, agora acabou não precisa mais chorar, já ganhou**

o que ele queria, e se eles falassem não provavelmente ele retornaria ao início que é chorar, jogar no chão e gritar. É o comportamento reforçado, para ele tá ok, tô bem.

Vídeo 2

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Olha, tá o que eu observei, **bastante curiosidade é uma loja que tudo está ao alcance da criança, então tudo é explorado para ela, e ela vai querer explorar, ela tem essa liberdade de explorar, então ela olha, ela vai mexer, ela tá ali curiosa, é um lugar legal provavelmente eles não vão muito, então tudo é novo.** Na hora de ir embora a criança, a criança não quer ir embora porque aí tô né, **ainda não cessou essa vontade minha de explorar, eu quero continuar explorando, aí não tem um limite, é um momento de dá de falar ele ainda compreende, cê vê que quando o pai fala “ai vamo sair” ele sai de perto, ele vem ele volta porque ele quer mexer, só que o final que ele começa a chorar, começa entrar em crise é porque ele queria voltar, não tinha acessado toda aquela informação, a excitação do momento de tá ali de tá toda aquela sensação do momento de tá ali de tá explorando, em relação a gente já adulto já compreende a eu já vi não quero vou embora, a criança não, ela tá nesse êxtase dela. I cessar demora então o choro é porque queria voltar.**

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: **Olha os pais incrivelmente manejaram bem, direcionaram a criança, o pai todo né, vamo sair vamo lá, vem aqui dá a mão, de fato poderiam ter abaixado para conversar com a criança pra falar, oh a gente vai ver mais uma coisinha e vamos embora, provavelmente ele compreenderia mesmo sendo neném né, né então sempre ali vamo embora tá tudo bem, vamo pegar esse, eles estavam fazendo correto com a criança eu diria, não teve nada assim não pode, ali aquele limitador e no final teve que realmente bloquear a criança para ela não voltar mais pegar ela no colo para ela não voltar ali, é inicialmente estavam indo bem, no final foi que eles (risos), acho que foi o meio deles, aí vamo pegar e levar embora e é isso.**

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: **Ela provavelmente se sentiu frustrada porque num conseguiu o que queria é fica com a sensação ruim porque a queria brincar, queria mexer meus**

pais não deixaram, então vou me bater, vou bater no meu pai porque eu to com um sentimento que eu não consigo lidar porque eu queria voltar, e os pais também não conseguiram regular ela para isso é o vamo conversar, a gente vai embora agora, vamo ficar mais um pouquinho, vamo embora, então ela saiu frustrada.

5.5. Participante A5 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante A 5 - Grupo B Mulher Idade: 24 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 3 anos	Formação: Psicologia Pós Graduação: Não Cursos: ABA Geral.
Atua como analista de comportamento? Sim, usa todos os métodos e aplica.	Carga horária de trabalho: 6 h	Frequência de supervisão: 1 x por mês

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Comportamento de birra, eu acredito. Ele chorou bastante, mas acho que ele só queria ver o carrinho né, ele não queria de fato o carrinho, levar para casa essas coisas. Acho que é isso.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Os responsáveis deram bastante atenção né, toda hora ficou perguntando se a criança queria, total atenção dos pais, então ele conseguiu o que ele queria que era entrar dentro da loja e ver o carrinho, mas foi um comportamento de atenção para a criança, deram total atenção para a criança.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: A consequência foi de que ele entrou na loja pra ver o carrinho, acho que é isso (risos).

Vídeo 2

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Foi de birra também, igual o outro, igual o antigo, só no começo que não, no começo ele tava tranquilo.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Então, Pelo que eu vi eles estavam direcionando ele para ir embora né, tava certinho, mais quando ele voltou, a criança voltou aí deu atenção para ela para ver o que ela ia fazer, aí no caso se eu fosse os pais né eu ia continuaria direcionando ela para ir embora, mesmo com a birra, e eles também no final do vídeo ficavam falando, ah olha a birra, olha o que ele fez, isso foi reforçando ele, tanto que ele bate né, no pai porque ele sabe o que é birra, eu acho que ele sabe né! E aí deu para ver que os pais não estavam muito preparados porque ficou reforçando mesmo, acho que é isso.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Pelo que eu vi ele não ganhou nada né (risos), mesmo com a birra ele não ganhou nada, mas o que ele ganhou mesmo foi atenção dos pais mesmo, toda hora ali os pais estavam falando aí olha essa birra, não vamo embora, não pode, foi reforçando, reforçando. Eh foi isso que ele ganhou mesmo, atenção. Só isso (risos)

5.6. Participante B6 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante B6 - Grupo B Mulher Idade: 28 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 3 anos	Formação: Pedagoga Pós Graduação: Completa, Educação especial 2- Incompleta, Terapia ABA/2023 Cursos: oferecidas pela clinica

Atua como analista de comportamento? Não, sem formação adequada	Carga horária de trabalho: 4 h	Frequência de supervisão: 1 x por mês
--	---------------------------------------	--

Vídeo 1

Pesquisadora: Como você explica o comportamento da criança no vídeo?

Participante: Analista?

Pesquisadora: o que você quiser.

Participante: bom o comportamento vai ser toda a ação que ela teve ali, ela bateu no vidro, ela chorou, se jogou no chão, por um instante se acalmou, depois voltou a chorar novamente é solicitou dentro o brinquedo, é isso.

Pesquisadora: Tá, explica o comportamento dos responsáveis?

Participante: eles deram risada, é falaram que ele já tinha, levantou ele do chão, puxou ele do chão, levou até lá dentro depois de ter falado não falou que ia comprar, perguntou se queria novamente, como se fosse né?! não sei, não sei, como se fosse realmente dá, realmente comprar, olha você quer isso aqui.

Pesquisadora: Explica a consequência que a criança obteve após esses comportamentos?

Participante: bom, ela conseguiu entrar na loja que ela estava querendo ver o brinquedo, ela conseguiu entrar na loja né, foi isso, não tem como dizer se ela conseguiu o brinquedo ou não, mas ela conseguiu entrar na loja que ela queria ver.

Vídeo 2

Pesquisadora: Como você explica o comportamento da criança no vídeo?

Participante: Ela estava explorando tudo que tinha no mercado, ela tava curiosa, natural, acho que quando a gente entra num mercado a gente quer ver tudo, ela estava explorando, olhando, mexendo, natural da criança.

Pesquisadora: Explica o comportamento dos responsáveis nesse vídeo?

Participante: bloqueando tudo, não deixando pegar nada, é quando ele se interessava por algo, era um misto de vamo deixar ou não vamo deixar, tem situações que poderia ter deixado não tem porque, pente, explorar tudo, eu vi a ansiedade dos pais, ele não ta querendo ir embora, tá tudo divertido para ele, ta tudo interessante, vi que os pais ficaram bem ansiosos de tirar ele dali, foi bem pela ansiedade dos pais

que ele ficou alterado.

Pesquisadora: explica a consequência que a criança obteve após o comportamento:

Participante: **ela ficou nervosa, irritada, primeiro não podia fazer nada, depois estava deixando ela mexer em tudo, depois tirou ele sem comunicar que realmente era hora de ir embora, que realmente era hora de ir embora, vamos embora. Então acho que ficou uma confusão na cabeça da criança, tipo tem que ir embora, mas eu tô mexendo, então foi realmente uma, um nervoso criança teve por conta disso.**

5.7. Participante B7 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante B7 - Grupo B Mulher Idade: 43 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 11 meses	Formação: Serviço social Pós Graduação: Incompleta, Análise do comportamento aplicada a TEA e DI /2024 Cursos: Terapia Aba; Acompanhante terapêutico.
Atua como analista de comportamento? Não, não sei muita coisa, só atuo como AT	Carga horária de trabalho: 15 h	Frequência de supervisão: 15 dias

Vídeo 1

Participante: O pai foi.

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: **Ele teve um comportamento inadequado e o pai e a mãe reforçaram né, falaram não a princípio, mas acabaram reforçando.**

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: **Então, primeiro eles falaram não, não, né, depois eles... então vamo lá dentro né. Reforçaram.**

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os

comportamentos:

Participante: É, é a consequência do...perai. A consequência do de ele ir até lá ou a consequência dele fazer a birra e se jogar no chão?

Pesquisadora: A que você achar

Participante: Peraí, primeiro, deixa eu lembrar porque eu ainda estou estudando. Que legal ein é bom que a gente aprende né! **A consequência foi que ele conseguiu que ele queria ué,foi isso, ele conseguiu.** Ele foi o reforço que o pai e a mãe deu. Ele teve um comportamento inadequado e o pai e a mãe a princípio falou não, e aí eles deram.. então vamos lá, reforçaram o comportamento dele. E ele ganhou a atenção do pai porque o pai foi lá pegou ele no colo pegou a mãozinha dele e ainda ganhou o que ele queria. Não sei se é isso, mas depois você me fala o que é certo, que eu quero saber!

Porque a gente tem que ver primeiro o antecedente, o antecedente foi que ele queria o carrinho e a birrinha né, não é isso?! Você vai me falar o que é certo né. Que eu quero saber.

Vídeo 2

Participante: Essas crianças são autistas?

Pesquisadoras: não, não temos esses dados.

Participante: **Crianças típicas. Anda na ponta do pé, nome do meu sobrinho. Esse é autista. Esse é difícil ein, vamo dar um coro nele?**

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: **Oh o que eu faria antes né, já que eu sei que é pai né, eles devem saber né. Então eu ia é... avisar ele que nós íamos sair né e que já pra preparar ele que nós íamos no ambiente né. Que ele provavelmente já foi nesse lugar porque ele tinha.. já sabia pegar as coisinhas, ihh ia avisar antes, e aí esse negócio dele não querer sair de lá. O que a gente faria, ein? Avisar antes resolve, né porque eu ia tá, ele já ia estar preparado né, a gente vai em algum lugar, chegando lá. O que eu faria, é essa pergunta né?**

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Ahh, o comportamento inadequado, não o que eu faria?

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: um comportamento inadequado, **ele queria algumas coisas, a mãe**

a princípio falou que ia dar alguma coisa para ele parar de chorar, que é errado. E até ele pegou, não sei se eles compraram, no vídeo não aparece, mas aparece algumas sacolas, depois eles sempre volta pra pra a loja. E o pai pega ele no colo e ele teve uma, ele agrediu o pai, a mamãe “ ai ai ai isso é feio” né, que também é errado.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Eles além de reforçarem o comportamento inadequado dele, eles é permitiram, é reforçaram também, permitiram que ele pegasse o que ele quiser, ele fez o que ele quis né, o que ele quis ali ele era dono, como se diz uma amiga minha que é T.O, é o rei, foi o reizinho, reinou, fez o que ele quis.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Ele fez o que ele quis e até teve uma agressão né, eu acho. Esse aqui tá difícil. Depois você vai falar né? Não sei se eu consegui observar tudo.

Eu ia dar um coro nesse Guri, só que ele deve ser autista né?!, anda na ponta do pé.

Pesquisadora: Não temos esses dados.

5.8. Participante B8 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante B8- Grupo B Mulher Idade: 21 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 10 meses	Formação: Estudante de psicologia Pós Graduação: não Cursos: Comunicação; Ensino naturalístico; Comportamentos interferentes
Atua como analista de comportamento? Não, sem formação	Carga horária de trabalho: 10 h	Frequência de supervisão: 1 x na semana

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: De descritivo?

Pesquisadora: como preferir

Participante: Bom, então viu o carrinho, demonstrou interesse no carrinho porque bateu as mãos no vidro, se jogou no chão, chorou, levantou continuou batendo no vidro, se jogou no chão novamente, começou comportamento de birra.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Eles foram reforçadores porque o pai e a mãe é... deram ênfase no que estava acontecendo e a medida o que a criança ia se jogando no chão eles iam tentando pegar a criança e ainda tinha a questão da risada, quando ele parou falou vamos entrar e aí a criança parou de chorar para conseguir o carrinho.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: vai conseguir o carrinho que ela queria e vai aumentar a frequência nos casos futuros, quer dizer a tendência é que aumente a frequência nos casos futuros.

Vídeo 2

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Primeiro ela estava jogada no chão depois levantou e foi em direção aos estímulos, procurou os vidros, refrigerantes, os canudos de natação e escova de cabelo. E aí depois na hora de ir embora que os cuidadores queriam tirar ela não quis e aí começou a chorar e tentar fazer o caminho de retorno, e aí ia se pego, pegado no colo e começou a tentar no cuidador.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Primeiro deixaram ele explorar o ambiente, cuidando para ele não se machucar, no caso do vidro, mas deixando ele livre para explorar, e aí no momento de ir embora, falou para ele - vamos embora, ele não quis ir embora, então foi pego no colo e aí a medida que ele tentou bater no cuidador ele ganhou uma bronca verbal.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os

comportamentos:

Participante: humm, Ele foi retirado do ambiente que ele queria, mas ele não conseguiu o, é ele não conseguiu continuar no ambiente, então é foi um reforço negativo.

5.9. Participante B9 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante B 9 - Grupo B Mulher Idade: 22 anos	Acompanhante terapêutica; Tempo de atuação: 2 ano e 3 meses	Formação: Estudante de psicologia Pós Graduação: Incompleta, Análise do Comportamento Aplicada a TEA e DI /2025 Cursos: Aba acessível; Manejo interferente; Aplicadora ABA.
Atua como analista de comportamento? Não, não tem capacitação.	Carga horária de trabalho: 25 h	Frequência de supervisão: toda semana e quando solicita.

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: ele teve comportamentos de birra, ele chorou, se jogou no chão, gritou, bateu na parede.

Pesquisadora: Algo mais?

Participante: Acho que os comportamentos foram esses, de ficar chorando, batendo, se jogando no chão.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Eles ficaram dando instruções, várias instruções, tipo, vamo voltar, vamo sair, você já tem isso em casa, aí depois pegaram pela mão levaram lá dentro perguntaram se queria o carrinho, aí ele ficou manipulando o carrinho. Os pais deram várias instruções e não sei se eles vão dar o carrinho no final, mas vai acabar reforçando todo esse comportamento.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Ela conseguiu a atenção dos pais, então assim, fazendo esses comportamentos eles continuaram respondendo, dando várias instruções, pegando na mão levando aí eu não sei se eles deram de fato o carrinho, mas é a consequência que eu vi é de dar atenção, conforme eles respondiam dando instruções para a criança.

Vídeo 2

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: ele tava pegando né vários objetos quando ele tava passando pelo mercado, não sabia o que era (risos), mas uma loja, quando os pais, só o dele, da criança né?! Estava pegando vários objetos, às vezes usando com função às vezes sem função, e quando ele saiu da, os pais deram ajuda para ele sair ele se jogou no chão, tentando voltar, chorou, quantos os pais pegaram no colo aí ele começou a bater no pai né, o responsável que estava com ele no colo, i esse é o comportamento que eu observei que ele teve.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: Os responsáveis assim como o vídeo anterior ficaram dando várias instruções e não faziam que a criança cumprissem a instrução, falavam devolve isso, aí pegava da criança, devolvia e também seguravam ele pela mão, puxavam pegavam no colo né, pra pegar levar ele para fora da loja.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: Os comportamentos de ficar pegando as coisas ou tipo...

Pesquisadora: O que você quiser

Participante: Tá, o comportamento de pegar os objetos da loja a consequência foi retirarem o item, é o que eu observei foi os pais retirarem o item da mão dele e quando a criança se jogou no chão, a consequência foi o pai, não sei responsável pegar ele no colo. De forma descritiva seria isso.

5.10. Participante B10 – Grupo B

Dados demográficos		
Participante B 10- Grupo B Homem Idade: 25 anos	Acompanhante terapêutico; coordenador e supervisor Tempo de atuação: 4 anos como AT, atua na função.	Formação: Estudante de psicologia Pós Graduação: não cursos de aperfeiçoamento: ABA; Avaliação portage; Integração sensorial.
atua como analista do comportamento? sim, porque faz análise pautada no Behaviorismo radical.	Carga horária de trabalho: 45 h	frequência de supervisão: 1 x na semana

Vídeo 1

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: contracontrole, ao chamado dos pais vamo embora aí ela apresentou choro pra, como forma de esquiva ao aversivo que é vamo embora, então no caso o reforço era o carrinho, aí quando o pai pega a criança pela mão e fala vamo entra, vamo no carrinho ela, foi um motivador, quando ela acessou o carrinho ela parou de chorar, então ela teve contato com o reforço provavelmente aumentou a frequência ali de chorar, Ham.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: O choro como pode ser aversivo para eles é pode ter punido o

comportamento deles de ir embora, então pela magnitude do reforço dele parar de chorar eles levaram a criança para o carrinho, é isso.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os comportamentos:

Participante: acesso ao carrinho, chorou teve acesso ao carrinho.

Vídeo 2

Participante: Eu posso voltar um pouquinho?

Pesquisadora: sim

Pesquisadora: O que você explica do comportamento da criança no vídeo?

Participante: Teve vários né, (risos), foi um combo aqui, tá mais no início ele tentou pegar as coisas, ele tava num setor parece que tinham coisas arriscadas para ele, tudo que a mãe falou, parece que tinha vidro, então ele tava pegando várias coisas, e de repente ele pega um pentezinho e a mãe para esquivar também do comportamento de ficar ali controlando ele, falou a não deixa ele pegou uma coisa e ficou com isso aí e então deixar ele pegar isso, mas parece que aumentou a frequência dele pegar várias outras coisa, e aí quando vai para sair do mercado, quando ele não tem mais acesso ao pegar as coisas aí ele começa apresentar choro, aí quando ele se distancia mais ainda do mercado ele começa aumentar a agressividade dos pais, acho que foi isso.

Pesquisadora: O que você explica dos comportamentos dos responsáveis no vídeo?

Participante: humm, então parece que o comportamento dele de pegar as coisas no setor tem coisas que podem machucar é preocupante para os pais né, não sei se tem um histórico da criança se machucar com alguma coisa que envolveu isso para ele, mas parecia que eles estavam bem preocupados, aí quando pegou um pentezinho que não envia risco aí eles acalmaram aí reforçou o comportamento dele pegar algumas coisas né, então parece que é um comportamento de preocupação. E aí no final a agressividade da criança de bater parece que ele também já tem algum histórico de reforçar outros comportamentos né, um comportamento alternativo, não, não é bater, é fazer carinho, então assim parece que eles têm um envolvimento de análise ali. É isso.

Pesquisadora: Explica as consequências que a criança obteve após os

comportamentos:

Participante: Ham, nessa situação não teve reforçamento, parece que foi extinção do comportamento mesmo, então aumentou a frequência do comportamento agressivo para conquistar alguma coisa, lá no início como ele tava numa frequência de pegar várias coisas e aí ele conseguiu finalmente pegar uma coisa, então provavelmente ali pela, pelo esquema de reforçamento, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueava, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueava, ele tentava pegar uma coisa o pai bloqueou, aí ele pegou um pentezinho o pai deixou, a mãe e o pai deixou, então pode ter reforçado uma frequen... um esquema de reforçamento intermitente, é um crf 5 assim e aí depois corta para pegando várias outras coisas, e aí quando vai para sair do lugar ele já entra em extinção, então ele aumenta a intensidade da agressividade dele né, aí começa a chorar, jogar no chão, depois ele começa a escalonar pra bater no rosto do pai, então foi totalmente contra controle.